



**«Afinal, o que foi e é o Projecto Nómada?»**

**- Contributos para uma memória  
do Projecto Nómada -**

Instituto das Comunidades Educativas

Setúbal - 2004

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	3
1. AS PESSOAS E AS INSTITUIÇÕES.....	4
1.1. A IMPORTÂNCIA DAS PESSOAS E DA REDE DE PESSOAS.....	4
1.2. POSIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES.....	7
1.3. ENTRADAS DIRECTAS NAS COMUNIDADES CIGANAS .....	8
1.4. RELAÇÕES COM AS ESCOLAS.....	13
2. VISIBILIDADES .....	16
2.1. VISIBILIDADES DO NÓMADA.....	17
2.2. VISIBILIDADE DO PROJECTO NAS COMUNIDADES CIGANAS .....	18
2.3. PÓLOS DE IDENTIDADE: OS ENCONTROS E O ANDARILHO.....	18
2.4. PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.....	21
3. MECANISMOS DE SUSTENTABILIDADE.....	22
EM JEITO DE SÍNTESE CONCLUSIVA.....	24
DO CAMINHO PERCORRIDO DO PROJECTO NÓMADA (I).....	24
...ÀS PERSPECTIVAS DE FUTURO DO PROCESSO NÓMADA (II) .....	27
<b>ANEXOS</b> .....	<b>30</b>
FASES E OBJECTIVOS GERAIS DO PROJECTO NÓMADA I.....	31
PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E EIXOS DE INTERVENÇÃO .....	32
AS PESSOAS.....	34
...E AS PARCERIAS .....	37
SÍNTESE CRONOLÓGICA DOS MOMENTOS-CHAVE DO PROJECTO NÓMADA.....	41
SÍNTESE DA ECOFORMAÇÃO DO PROJECTO NÓMADA.....	45
VISIBILIDADES DO PROJECTO NÓMADA.....	51
FICHA-SÍNTESE DE REGISTO .....	54

## Introdução

O Nómada tem vindo a ser, simultaneamente, um meio e um fim, um processo e um resultado, consubstanciando-se num dispositivo e instrumento processual de intervenção social visando concretizar, ao mesmo tempo, princípios metodológicos de acção social e educativa, assentes em AFECTOS E CONCEITOS e cuja implementação originou INFLUÊNCIAS assim como as bebeu, produziu EVENTOS (e INVENTOS), assim como os apreendeu, ocasionou EFEITOS assim como os sofreu.

Tendo por base OS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS<sup>1</sup>, os princípios sócio políticos, as intenções e expectativas aquando da sua concepção em 1994/95 e da sua implementação desde 1995/96<sup>2</sup> traduzidas em iniciativas e EIXOS DE INTERVENÇÃO a que foi dando corpo, pretende-se, com este relatório, por um lado, dar conta de um processo colectivo e participado de avaliação/investigação qualitativa do projecto assente em cinco dimensões de análise - afectos, conceitos, eventos, influências e efeitos – que enformam o corpo deste relatório e, por outro, possibilitar que esse processo de avaliação participada contribua para a construção de uma equipa alargada e coesa que dê continuidade e sustentabilidade a um novo projecto feito processo.

Tentou-se dar conta de uma caminhada fluida e intencionalmente informal, que espelhasse o que constituiu, para os que nele participaram, a trama sobre a qual assentou a intervenção, da qual só foi possível adquirir uma visão global após uma reflexão aprofundada sobre o caminho percorrido ao longo de nove anos de percurso.

Este relatório também pretende contribuir para a construção de uma memória colectiva do que foi o projecto para os seus diversificados protagonistas, se bem que seja insubstituível da memória que cada um deles guarda, memória essa carregada de emoções intensamente vividas e construídas no quotidiano.

Em ANEXO, dá-se conta, de forma sintética, de alguma informação mais minuciosa e, simultaneamente, mais globalizada, sobre o que foram estes nove anos de projecto/processo Nómada.

---

<sup>1</sup> Ver em anexo «Pressupostos metodológicos e eixos de intervenção».

<sup>2</sup> Ver em anexo «Fases e objectivos».

## 1. As pessoas e as instituições

### 1.1. A importância das pessoas e da rede de pessoas

*«É urgente a “impregnação” do espírito do Projecto Nómada a mais e mais profissionais de educação...(...) É de reforçar a importância da rede de parcerias para a coesão dos profissionais implicados de corpo e alma no projecto». (Cristina do Cabo e Teresa Bento, 2004)*

*«No Nómada, há o prazer imenso de descobrirmos outros adeptos destas “causas perdidas” e a língua solta-se numa troca de experiências vividas que nos fortalecem. E há, em mim, o fascínio por aquelas pessoas que mal conheço, ao ponto de não distinguir se o fascínio é por elas enquanto pessoas ou pelas causas que defendem e se assemelham às minhas». (Maria José Mendonça, 2004)*

Sendo que “os recursos locais mais importantes e decisivos são sempre as pessoas”<sup>3</sup>, o projecto Nómada procurou, desde o início, seduzi-las para a “causa” da «promoção das comunidades ciganas e de transformação da escola», através da (re)construção de um olhar positivo sobre o seu contributo pessoal, sentido que pode fazer a diferença. Para tal, promoveram-se momentos de vivências agradáveis com o “desconhecido” e com «as coisas que não funcionam como se estava à espera»<sup>4</sup>, implementando um dispositivo de formação que designou de ecoformação<sup>5</sup> (explicitado em anterior relatório<sup>6</sup>) e que, muito resumidamente, se sintetiza a sua organização:

No início e final do ano lectivo, organizaram-se encontros/oficinas, nos quais se promovia a reflexão e o debate, em grande grupo e com um público mais vasto, num primeiro tempo, sobre os problemas diagnosticados no terreno pelos profissionais assim como sobre as estratégias para os contornar e, num segundo tempo, sobre as actividades realizadas e os desafios ultrapassados para as levar a cabo, “obrigando” os profissionais a “se dizerem” e a “se exporem”.

Ao longo do ano, mensalmente, organizaram-se reuniões locais e em pequenos grupos, no seio das quais «emitimos e recebemos opiniões que só muito dificilmente acontecem “lá fora”»<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Canário, Rui (1999), Educação de Adultos - Um campo e uma problemática, Lisboa: EDUCA.p.66

<sup>4</sup> Montenegro, Mirna (2003), Aprendendo com Ciganos: processos de ecoformação, Lisboa: EDUCA.p.15

<sup>5</sup> «O processo ecoformativo refere-se às situações/vivências/experiências/contactos que a vida nos proporciona, considerada na sua complexidade, como espaço e tempo de poderoso e indelével agente de educação informal...» é um processo, fundamentalmente, invisível e, por vezes, não consciente e não intencional.» (Montenegro, 2003:15)

<sup>6</sup> Ver Relatório de Actividades de 1999.

<sup>7</sup> Maria José Mendonça, 2004

Para incutir ou favorecer a construção da «ética do cuidado» em relação ao outro (diferente) era necessário também vivenciar esse processo e «ser alvo de cuidado». Assim, os docentes/profissionais implicados no Nómada, foram alvo de um cuidado através dum acompanhamento metodológico e psicológico, entre pares e com a dinamização de um «mediador/tradutor» de linguagens, que ajudasse tanto o indivíduo como o grupo a reorientar o olhar, tornando-o mais descentrado, favorecendo o reequacionamento dos problemas apresentados, provocando questionamentos desequilibradores mas, ao mesmo tempo, fomentasse um reequilíbrio reconstruído:

*«Acredito que “o conhecimento só o é se passar por uma afeição...Uma evidência que nos comove. Sem evidência não nos comoveríamos; sem comoção não haveria evidência.” Foi o que me aconteceu quando comecei a estar nas reuniões do Nómada. Foi nesta afeição que foi crescendo o meu conhecimento pelo Povo Cigano...E se podia “viver” assim nas reuniões do Nómada, também assim quis estar no meu local de trabalho: olhando a realidade conhecida na experiência. Penso que por osmose também os formandos experimentaram estar assim... Dentro desta afeição, vai acontecendo um desejo maior de trabalhar, de estar, de ir ao encontro desta comunidade de uma forma que lhe corresponda. E novas dinâmicas se vão criando, novos riscos se vão tomando...» (Ana Paula Loja, 2004)*

Ao longo dos 9 anos de desenvolvimento do projecto foram atribuídos, através de 9 módulos de formação<sup>8</sup>, créditos a 362 profissionais<sup>9</sup> docentes dos implicados. Muitos dos docentes foram permanecendo, de ano para ano, no projecto, havendo pessoas que estão no projecto cinco, seis, sete, oito e nove anos. Foram sendo seduzidos pelos seus pares e pela causa se bem que também «houve colegas que estivessem na formação pela facilidade de obtenção do crédito para a subida na carreira e não pela adesão às suas propostas, sendo esses os que foram ficando pelo caminho»<sup>10</sup>. Houve quem também considerasse que «a adesão ao projecto era destinado apenas a quem trabalhava com ciganos», sensação essa que se revelou ser falsa e que se julga ter sido «passada pelos que não foram “tocados” pela mensagem do Nómada»<sup>11</sup>.

Porque a participação no Nómada só começou, para alguns, a fazer sentido «apenas no final do 1º ano e princípio do 2º ano de participação», constatou-se que «o tempo das pessoas e o tempo dos técnicos e das instituições»<sup>12</sup>, era bastante distinto e que, com frequência, se criavam dilemas na intervenção.

---

<sup>8</sup> Ver «Módulos de Formação», em anexo.

<sup>9</sup> Ver «As pessoas e as parcerias», em anexo

<sup>10</sup> Entrevista colectiva, Seixal, 2004

<sup>11</sup> Entrevista colectiva, Seixal e Setúbal, 2004

<sup>12</sup> Montenegro, Mirna (2003), Aprendendo com Ciganos: processos de ecoformação, Lisboa: EDUCA.p.176

No sentido de ajudar a ultrapassar esses dilemas, apostou-se na capacidade de sedução dos próprios implicados, fazendo com que o trabalho em rede preconizado pelo projecto tomasse forma e se espalhasse “de boca a orelha”, demonstrando que «é pelo contágio e não pela obrigatoriedade que o projecto tem visibilidade»<sup>13</sup>, «que a rede de parcerias estabelecida tem ajudado tanto à coesão do Nómada como ao envolvimento das famílias, reforçando os profissionais como pessoas, apoiando quem tem vontade de mudar, demonstrando às famílias que havia uma rede de pessoas que se preocupava com elas.»<sup>14</sup>

Foi apostando nas pessoas, que emprestam os seus rostos às instituições, que a rede de pessoas pertencentes a diversas instituições se foi alargando, alargando-se também o leque de instituições envolvidas no Nómada. Uma vez que a mobilidade docente dificulta a continuidade da intervenção, era necessário apostar na pessoa do profissional para que este transportasse «o espírito do Nómada» consigo para onde quer que fosse e fizesse brotar a semente noutra local, através do seu «poder de sedução», desafiando os seus pares, através da sua própria prática educativa transformada e mobilizadora... Como resultado desta metodologia de intervenção, o Nómada conseguiu identificar uma rede de «pessoas e/ou instituições com relações privilegiadas com as comunidades ciganas», um dos objectivos e das condições *sine qua non* da sustentabilidade do projecto. Rede esta que, em parte, esteve na base da constituição da equipa alargada que procedeu a este processo de avaliação/investigação participada do Nómada.

Foi também como resultado desta metodologia (e/ou estratégia de intervenção) que os profissionais, por sua vez, foram identificando, local e contextualizadamente, pessoas de etnia cigana com quem foram construindo relações positivas (e mesmo de algum compromisso enquanto cidadãos), os quais desempenham o papel de interlocutores privilegiados (e/ou de mediadores e/ou facilitadores da relação) no seio das comunidades ciganas.

*«Um dia surge um conflito de duas senhoras da Costa do Marfim (minhas formandas, no exterior da sala, com uma senhora cigana. O conflito arrasta-se para a sala de aula e..., qual não foi a minha alegria (e gratidão), quando uma outra formanda cigana, sentada na sala e sem nada saber, se levantou, jogou a sua liberdade e foi ao encontro de uma das partes em conflito, ajudando-a a resolver a questão pelo lado mais “racional”. E é assim que vão acontecendo pequenos “milagres” no Bairro da Bela Vista.» (Ana Paula Loja, 2004)*

A rede de parcerias referida pelos participantes apenas aludiu à rede estabelecida entre pares e com as famílias, no seio das reuniões e das actividades desenvolvidas no âmbito do Nómada, isto é, «as parcerias de acção», carregadas de afecto, entre pares, com as crianças, jovens e

---

<sup>13</sup> Ana Paula Loja, 2004

<sup>14</sup> Entrevista colectiva, Setúbal, 2004

famílias. Importa então lembrar que existem vários níveis de parcerias estabelecidas no âmbito do Nómada que não foram devidamente referidas nas reflexões, a saber: «as parcerias de apoio, de enquadramento e de legitimação»<sup>15</sup>.

Neste sentido, há que recordar que o Nómada, a nível da coordenação nacional, estabeleceu parcerias com algumas autarquias e universidades, com o Ministério da Educação e o Secretariado Entreculturas, com associações ciganas, com a Fundação Calouste Gulbenkian, com os CLA's do RMG, etc., que lhe emprestam, simultaneamente, visibilidade social e permitem alguma viabilidade logística e financeira e cuja listagem consta do anexo «As pessoas e as parcerias».

## 1.2. Posição das instituições

*«Não se pode exigir que as pessoas aprendam, num mês ou dois, o que nós aprendemos numa vida toda e percebam onde nós queremos chegar. Tem que ser uma coisa trabalhada com tempo e temos que estar preparados para avanços e recuos. Ora as instituições, e outros profissionais, muitas vezes, não compreendem isto e querem logo que os ciganos mudem. Há o tempo técnico e há o tempo necessário à mudança das pessoas.»  
(Lucrecia)<sup>16</sup>*

*«A relação de confiança entre profissionais e as populações ciganas ajudou também a promover a relação criança/escola, pelo desenvolvimento do trabalho em rede entre parcerias com outras instituições do bairro.»<sup>17</sup>*

A intervenção do Nómada com as comunidades ciganas, ainda que sendo, fundamentalmente, indirecta ou em deferido, é assegurada através das instituições parceiras que trabalham directamente com as comunidades ciganas, no intuito de as ir influenciando e transformando progressivamente em espaços de exercício de cidadania democrática e participativa por parte dos destinatários, nomeadamente das comunidades ciganas com que trabalham. Sendo, basicamente, espaços de educação/formação não formal, conseguem flexibilizar os seus espaços e tempos de modo a responder aos seus utentes.

Nestes espaços, o trabalho de intervenção torna-se relativamente facilitado porque algumas dessas instituições foram sendo “arrastadas” para «a causa do Nómada» através da pessoa/cidadão dos seus profissionais e que, voluntariamente, aderiu às propostas de

---

<sup>15</sup> Espiney, Rui d' (2003), Parcerias como? Pistas para uma reflexão, ICEInfor nº33, ICE: Setúbal.p.4-5

<sup>16</sup> in Montenegro, Mirna (2003), Aprendendo com Ciganos: processos de ecoformação, Lisboa: EDUCA.p.176.

<sup>17</sup> Entrevista colectiva, Setúbal, 2004

intervenção e de visão do mundo que o projecto preconiza, a qual consegue mobilizar a "sua" instituição para uma intervenção mais consequente.

Essa via, tem-se revelado ser geralmente a mais segura, a mais consequente, porque endógena e respeitadora das dinâmicas internas e locais que se vão implementando, porque a instituição está mais próxima das populações, respeita o ritmo das pessoas e das suas dinâmicas sociais...Estas instituições são, geralmente, as que não se confrontam com a mobilidade compulsiva (como é o caso das escolas) e/ou o vínculo laboral precário dos seus profissionais/trabalhadores (como é o caso dos projectos financiados a curto prazo).

Uma vez seduzidas as instituições locais, através dos seus profissionais implicados no Nómada, estas promovem e/ou favorecem novos contactos interinstitucionais, a nível formal, solicitando o apoio do Nómada na implementação de estratégias de superação de problemas locais, na formação das suas equipas de profissionais, nomeadamente no que diz respeito à implementação do RMG, às políticas do PER e à intervenção comunitária.

Para se ter uma ideia da diversidade e da amplitude das parcerias estabelecidas com as instituições apresenta-se o quadro seguinte.

Associações (incluindo ATL/Ludotecas)	8
Autarquias (Câmaras e Juntas de Freguesia)	6
Ensino Superior	4
Estado local (incluindo IPJ, Escolas, Jardins de Infância e Ensino Recorrente)	79
IPSS (centros comunitários, etc..)	6
PLCP (projectos de luta contra a pobreza)	3
<b>Total</b>	<b>106</b>

### 1.3 Entradas directas nas comunidades ciganas

*«Os alunos e as crianças ciganas conviveram de forma mais próxima, com menor vigilância dos pais, o que significa maior confiança nas pessoas a quem os entregam. As expressões de alegria e carinho com que as crianças nos recebiam em cada mercado testemunham esses afectos.» (Otilia Vieira, 2004)*

Graças às «parcerias de acção» estabelecidas localmente, foi viabilizada e potencializada a intervenção do Nómada directamente nas comunidades ciganas, nomeadamente nas **Animações nos Mercados e na Rua**, tornando-se uma das iniciativas «de marca» do Nómada:



Datas	Locais	Parcerias
Desde 1996	Algoz	ATL da ACSA e EB1 do Agrupamento de Escolas do Algoz
De 1998 a 1999	Moura	Rota do Guadiana
De 2000 a 2002	Serpa	PLCP Girassol e pólo nº3 da EB1 de Serpa
De 1999 a 2001	Pinhal Novo	Junta de Freguesia do Pinhal Novo
De 1999 a 2001 Desde 2001	Bela Vista (Setúbal) Manteigadas (Setúbal)	Divisão de Intervenção e Inclusão Social da Câmara Municipal de Setúbal
De 1998 a 1999 De 1998 a 2001	Bairro do Poço Largo (Beja) Bairro da Esperança (Beja)	IPJ e ISSS de Beja, EB1 nº7 de Beja e Centro Comunitário do Bº da Esperança

Estas iniciativas já foram alvo de um tratamento específico e minucioso em publicações anteriores, nomeadamente nos relatórios de 1999 e 2001, assim como nos livros “Ciganos e Educação” e “Aprendendo com Ciganos”, constante da listagem apresentada no ponto Produções.

Através dos docentes, mediadores, animadores e demais técnicos implicados no projecto, pode-se também considerar que houve uma intervenção directa com as crianças, jovens e famílias das várias comunidades ciganas abrangidas pelas várias «parcerias de acção» do projecto. Assim, podemos estimar que o projecto envolveu mais 1500 pessoas de etnia cigana ao longo dos 9 anos.

Continuando a potencializar as relações informais que as pessoas e “suas” instituições vão construindo, embora de outra natureza, pode-se também referir a *Constituição de grupos culturais ciganos*, tais como «os Barões» em parceria com a Divisão da Cultura da Câmara de Setúbal, como sendo um dos resultados das entradas directas nas comunidades ciganas.

Passamos a descrever, num registo de cariz etnográfico, o processo de constituição desse grupo musical.

«No âmbito das nossas actividades regulares, um grupo informal de cantares e danças ciganos, surgido da dinâmica de animação comunitária do CAIC da Bela Vista<sup>18</sup>, foi convidado para animar um encontro nacional do Projecto Nómada. Nessa altura, o Departamento de Cultura da Câmara Municipal hospedeira - Setúbal, agradavelmente surpreendido com a

---

<sup>18</sup> A este propósito, leia-se Montenegro, (1997), *O CAIC da Bela Vista ... Um caso de Intervenção Comunitária*, in Mirna Montenegro (Org.), Educação de Infância e Intervenção Comunitária, Cadernos ICE nº4, Setúbal: ICE, pp.27-47

performance do grupo, solicitou ao Nómada que mediasse a organização de um espectáculo para animar uma noite de Verão integrada nas festas da cidade.

Para nós como para o grupo, era uma oportunidade única a não perder. Assim, desde Junho a Agosto, tivemos a tarefa de não deixar esmorecer o entusiasmo pelo evento. Mas, o mais surpreendente, foi a questão da organização. Como organizar um grupo cigano para um espectáculo musical?

Em traços largos, vamos descrever esta aventura. Além dos aspectos legais a que tivemos de atender, (por exemplo: pedir autorização ao Governador Civil para o acampamento de uma comunidade de cerca de 50 pessoas que vieram do Algarve e de Beja e que assentaram cerca de três dias junto de outros familiares seus em Setúbal; e pedir autorização à Escola Básica do bairro que emprestou as suas instalações para, nas vésperas do evento, o grupo ensaiar), tivemos de ensaiar o grupo, isto é, dar um aspecto previsível e organizado à sua actuação (por exemplo: quantas pessoas iriam estar em palco? Quantas canções iriam cantar e dançar? Qual o encadeamento das actuações? Quanto tempo demoraria cada actuação? Quantos e quais os instrumentos musicais que iriam tocar? Quem iria cantar e o quê? Quanto tempo iria demorar o espectáculo? Como iriam ser trajados? Quantos microfones iriam precisar? etc.).

Desde o princípio, fizemos questão em delegar num elemento do grupo a responsabilidade da mobilização de todos os outros elementos e seria com essa pessoa que iríamos mantendo contactos regulares. Assim, na véspera do evento, estava previsto encontrarmo-nos junto à escola, para ensaiarmos todos, das 14 às 19 horas. Desta forma, teríamos, com certeza, tempo suficiente para ensaiar o espectáculo em que contávamos com cerca de 30 pessoas, em palco. Não vendo aparecerem as bailarinas, perguntámos por elas. Ao que nos responderam: - *“Elas não vêm porque não precisam de ensaiar.”* Assim sendo, sentámo-nos, munidos de papel e lápis, e tentámos registar os detalhes da organização que nos tinha sido incumbida. Quanto mais detalhes fomos pedindo, mais discussões entre eles iam surgindo. Pensámos que assim não íamos a lado nenhum. Decidimos, então, apenas registar o título das canções que iam sendo cantadas e as que iriam ser dançadas, com o nome das pessoas que iriam actuar. Deixámos de nos preocupar em os querer organizar ao nosso modo, deixando-os organizarem-se como se estivessem nas suas festas de casamento, à desgarrada e ao improvisado, mas em perfeita sintonia. Nessa altura, as discussões terminaram e em menos de duas horas estava tudo ensaiado: *“Já chega, já estamos prontos para amanhã. Podem estar descansados que vai ser um belíssimo espectáculo”*.

E assim foi. No dia seguinte, à hora marcada o espectáculo começou. Devemos confessar-vos que correu tudo lindamente, mas nada como tínhamos planeado: nem as músicas, nem os

cantores, nem as bailarinas foram os mesmos. A Praça do Bocage estava repleta de ciganos do bairro que desceram à cidade e que cantavam e bailavam com as crianças ao colo. Um grupo de ciganos estava incumbido, lá de longe (junto ao técnico de som), de lhes fazer chegar o que deviam melhorar, fazendo-lhes sinais.

Desde essa altura este grupo - Os Barões - tem sido convidado pela autarquia, por outra instituição do bairro e pelo próprio ICE para animar encontros. E, como este grupo tem ramificações pelo Algarve, um grupo Algarvio - Os Vargas - também surgiu.»

*Existe uma coisa que os homens de negócio aprenderam lentamente e que os governos têm ainda de aprender: o poder, a força e os valores de sobrevivência de um povo enraizam-se num sistema são e activo de cultura informal. (...) Há um elemento que distingue o que é informal: contrariamente a outras formas de comunicação, não existem a esse nível nem emissores, nem receptores, nem mensagens facilmente identificáveis. Tudo reside no próprio processo que desencadeia nos indivíduos respostas adequadas. E quando isto acontece, toda a gente está em perfeita sincronia.” (Hall, 1996:215) (...) “Por onde quer que nos viremos, num local onde haja pessoas, observa-se que elas se sincronizam quando se toca música. (...) A música é um desencadeador extremamente elaborado de ritmos já enraizados nos indivíduos”. (ibidem: 197).*

Continuando a potenciar as relações informais que as pessoas/cidadãos/profissionais vão construindo, refere-se a «utilização» de pessoas de etnia cigana como interlocutores privilegiados e consultores do projecto. Nesse sentido descreve-se o papel que teve o Sr, Raimundo Maia.

«Fruto de um Encontro Intercultural organizado pela turma de Ensino Recorrente do Centro de Bem-Estar Social do Laranjeiro (entidade parceira do Nómada desde 1995/96) no ano lectivo de 1998/99, entrevistámos o Sr. Raimundo Maia, de etnia cigana. Desta riquíssima conversa, surgiu uma amizade sincera entre o Sr. Raimundo e o Nómada.

Pensamos ser pertinente apresentar parte desse registo:

*“A vida é uma grande escola se quisermos aprender com ela. O cigano tem essa cultura. Tem essa vivência porque, ao privar de perto, com vários estilos de vida, várias pessoas, com várias filosofias, vai-lhe dando uma bagagem muito grande. Mas acha que essa vivência lhe chega, lhe é suficiente. Quanto à escola propriamente dita, é assim: o que um cigano faz o outro também quer fazer. E se a moda de ir à escola pegasse, era uma maravilha. Juntávamos toda a nossa ladinice na aprendizagem das letras e de outras coisas mais. (...) O estado, se quer fazer alguma coisa pelos ciganos, não pode mandar ninguém de fora, porque quem está de fora, vê apenas o abstracto de um povo. Acontece que o povo cigano é tão complexo, a sua maneira de pensar, de ver as coisas, que uma pessoa de fora, se é que quer fazer alguma coisa e mudar o rumo do nosso percurso, não pode apreender as subtilidades da nossa maneira de ver e estar no mundo.”*

<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Raimundo Maia, entrevista Outubro de 1999.

Convidado a participar nas 3<sup>as</sup> Oficinas Regionais do Projecto Nómada, realizadas em Almada a 24 de Novembro 1999, onde foi lançado o Caderno nº5 do ICE “Ciganos e Educação”, o Sr. Raimundo disponibilizou-se para partilhar connosco os saberes sobre a sua cultura e sobre estratégias de educação na família cigana aos professores integrados na ecoformação do Nómada. Dessas sessões de ecoformação damo-vos conta de alguns testemunhos:

*“A presença do Sr. Raimundo na reunião do Projecto foi, para mim, bastante positiva pois, a partir da conversa muito agradável que tivemos com ele pude aperceber-me de aspectos da cultura cigana que desconhecia. Além disso, as suas sugestões de como lidar com crianças ciganas e sua partilha connosco de aspectos tão diversos como a educação dos filhos e o casamento cigano foram bastante enriquecedoras. Desta forma, ajudou-me a compreender o mundo tão diferente, distante e fascinante em que vive o povo cigano.” (Luísa Fernandes, Arrentela)*

*“Da presença do Sr. Raimundo, resultou, na minha opinião, uma maior compreensão sobre algumas atitudes e comportamentos da comunidade cigana, que se reflectem nas crianças, de uma maneira geral. Para poder “agir”, trabalhar com as crianças ou compreendê-las é necessário ter conhecimentos mínimos da cultura, situação, estado emocional, etc... O facto de poder expor as minhas dúvidas, fazer perguntas directas ao Sr. Raimundo permitiu a resolução de algumas situações que estavam a acontecer na minha sala. Através das respostas e conselhos seus tive mais segurança para intervir devido à transmissão de pequenas coisas que fazem a diferença perante a comunidade cigana e que muitas vezes me ‘passam ao lado’.” (Sara Sales, Arrentela.)*

A sua história de vida foi transcrita e, com o seu consentimento deu-se-lhe o título: *“Pedaços de Vida, Vida Sentida, Sentidos de Vida”* e foi distribuída aos docentes do projecto.»<sup>20</sup>,

Ainda nesta linha, se acham tanto o grupo de dança cigana “As Zíngaras” da AMUCIP, que tem dinamizado Ateliers de Dança Flamenca, em parceria com o Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal); bem como as suas associadas, enquanto interlocutoras privilegiadas e consultoras, que têm contribuído para a ecoformação dos profissionais implicados no Nómada, experiência essa que foi premiada no Concurso «Saber +» da ANEFA, em 2000. Esta entidade, através das suas mediadoras, desde então, tornou-se um dos nossos parceiros (de acção e de legitimidade) privilegiados.

São estas pessoas/instituições que nos vêm interpelando, ajudando-nos a reequacionar a intervenção, possibilitando-nos ouvir e sentir, na primeira pessoa, o outro lado da(s) história(s). É nestes momentos de ecoformação que os estereótipos e os preconceitos vão sendo desmontados, as armaduras e barreiras se vão desmanchando e os afectos positivos se vão

---

<sup>20</sup> Montenegro, Mirna & Fernandes, Teresa (2001), Projecto Nómada: um campo de possibilidades, in Que sorte, Ciganos na nossa Escola! Lisboa: Secretariado Entreculturas.pp.163-182

construindo. É nestes momentos que somos confrontados com o que nos une mais do que com o que nos afasta ou diferencia, que nos confrontamos com as nossas imperfeições e limitações:

*«As baixas expectativas que temos acerca destas crianças faz com que, muitas vezes, não sejamos mais exigentes para com eles», «que muitas festas que se fazem na escola são apenas folclore», «que não se sabe aproveitar as potencialidades que têm para o improviso», «que merecem melhor do que entreter as suas crianças e jovens», «que o nosso mal é pensarmos que nós é que estamos bem e que eles estão mal e que há quem seja bom e até nem pareça cigano», «o mal é pensarmos pelas pessoas sem lhes perguntarmos o que eles pensam sobre as coisas e o que é que eles querem para eles próprios».<sup>21</sup>*

Para um nível mais aprofundado de participação das comunidades ciganas, a reflexão/avaliação do projecto realizada este ano considera que é necessário investir mais na promoção de momentos de debate público sobre diversos assuntos do interesse desta comunidade tais como a habitação, a saúde, o direito da família, o direito dos trabalhadores, o trabalho, os direitos fundamentais, etc..., no seio dos quais as pessoas de etnia cigana se habituem a explicar e a partilhar as suas ideias com os demais cidadãos, promovendo consensos.

#### 1.4. Relações com as Escolas

*«Na minha escola, o facto dos professores assinarem um abaixo-assinado por causa da deslocalização de um acampamento cigano que estava próximo da escola, que teve como efeito retirarem as crianças da escola, só foi possível devido à ligação ao Nómada de alguns professores. Embora neste caso, os professores se tivessem envolvido sente-se que não se conseguiu chegar ao essencial. Não se conseguiu passar a mensagem nem "tocar" nas pessoas da instituição onde se intervém, nem que elas se envolvessem pessoalmente com a problemática, pois continua-se a tratar todos por igual sem respeitar as diferenças fazendo até que as pessoas se sintam culpadas por serem diferentes.» (Maria José Mendonça, 2004)*

*«O facto de uma família querer retirar uma menina do 2ºCEB para voltar para o 1ºCEB para não perder o contacto com a escola, pedindo ao professor com quem tinha confiança e de quem a criança era aluno, é revelador da influência positiva que o Nómada teve na pessoa do professor.» (Amílcar Caetano, 2004)*

*«Ir à escola é efeito RMG mas pedir para voltar para o 1º CEB é efeito Nómada naquele professor com quem a criança ou o adulto quer ficar, para continuar a ter contacto com a escola.»<sup>22</sup>*

---

<sup>21</sup> Entrevista colectiva, Seixal, 2004.

<sup>22</sup> Entrevista colectiva Setúbal, 2004

*«A constituição da equipa da escola é um factor decisivo para se estar sensibilizado para esta problemática e tentar-se resolver situações inerentes ao processo de escolarização das crianças e jovens ciganos.» (Isabel Estevens, 2004)*

A relação com as escolas, como ficou patente anteriormente no ponto 1.1. «A importância das pessoas e as das redes de pessoas», tem-se construído de modo informal, dependendo da capacidade de influência que os profissionais envolvidos no projecto têm demonstrado ter, uma vez que o projecto Nómada não é emanado pelo Ministério da Educação, mas uma proposta da sociedade civil organizada – uma ONG, e, portanto, de adesão voluntária. O seu carácter periférico também se deve ao facto de se tratar de um projecto orientado para a promoção de uma população também ela periférica à sociedade maioritária.

Visão global das escolas/organizações implicadas no Projecto Nómada ao longo das 3 fases:

Regiões/ Núcleos	1ª fase			2ª fase			3ª fase		
	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04
Almada	5	16	10	9	8	5	3	4	
Seixal	5	7	5	5	5	4	4	4	4
Pinhal Novo				1	1	1	1		
Setúbal	6	6	6	7	9	8	7	8	4
<b>Península Setúbal</b>	<b>16</b>	<b>29</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>18</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>8</b>
Faro	5	4	4	5	4	4	3	3	1
São Brás	1	1	1	1	1	1	1	1	
Portimão					1			1	
Olhão/Pechão		1	6	3					
Messines/ Silves								2	1
Lagos			1					1	1
Algoz		1	1	1	5	6	7	2	3
<b>Algarve</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>13</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>5</b>
Beja			1	8	11	5	2		1
Ferreira			1	1					
Moura			3	4	3	6			
Serpa			1	2	2	2	2	1	4
Mértola					3	7			
<b>Alentejo</b>			<b>6</b>	<b>15</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>36</b>	<b>40</b>	<b>47</b>	<b>53</b>	<b>49</b>	<b>30</b>	<b>27</b>	<b>18</b>

O volume de adesão das escolas ao projecto tem sido gradual e de geometria variável, tendo contribuído para esse efeito os seguintes factores decisivos:

1) Um alargamento brusco que teve a ver com o aparecimento do RMG-Rendimento Mínimo Garantido, que fez com que uma grande quantidade de professores pedisse apoio ao Nómada para as ajudar a encontrar soluções estratégicas no sentido de fazer face à grande afluência de crianças e jovens ciganos nas escolas, a partir de 1996/97, tendo-se verificado o seu pico de expansão nos anos de 1998/99 e 2000/01.

*«Verificou-se um aumento da frequência das crianças no CAIC e dos seus familiares no Ensino Recorrente e na EB1 do bairro, devido ao RMG; muitas vezes nos pediram para passarmos declarações de frequência das crianças para serem apresentadas às assistentes sociais do RMG. Mas também sabemos que, assim que este era cancelado, algumas crianças deixavam de frequentar; no entanto, o facto de as crianças estarem na "escola" e dos próprios pais também irem à escola, contribuiu para que estes fossem dando cada vez mais atenção e importância a uma cultura a que habitualmente são "avessos".» (Cristina do Cabo e Teresa Bento, 2004)*

Expansão essa que também coincidiu com a requisição de uma docente afecta ao Ministério da Educação na zona de Beja. O alargamento verificado tendeu, contudo, a desvanecer-se devido a uma progressiva "rotinização" da relação com os ciganos e com o projecto levando os docentes a já não estarem interessados. Ter ciganos nas escolas já não constituía novidade.

2) Uma outra influência decisiva para a adesão (ou não) das escolas ao projecto foi, sem dúvida, a centralidade do sistema e a tendência para a escolarização das práticas educativas levando professores a fecharem-se na sala de aulas, nas fichas de trabalho standardizadas e no receio e/ou cansaço da "projectocracia". A implementação da Autonomia e Gestão das Escolas, a criação dos Agrupamentos (tanto Verticais como Horizontais) de Escolas e o estilo de liderança que assumiram acentuaram este processo. Podemos encontrar dois tipos de escolas: as que interiorizaram o projecto, assumindo-o tanto no seu plano de actividades e como no projecto educativo (poucas) e as que precisaram temporariamente do projecto (a maior parte) para a resolução inicial de problemas. Neste sentido podemos identificar dois tipos de posturas perante o projecto:

a) *uma postura flexível e democrática* (e mesmo cidadã) que assume o projecto no seu projecto educativo e planos de actividades, e cujo estilo de liderança procura continuar a colegialidade e a informalidade no seio das relações humanas entre os profissionais e o Nómada, apesar dos constrangimentos burocráticos com que se confrontam. Esta postura tem-se revelado ser a excepção.

b) *uma postura mais rígida e centralizadora* (para não dizer autoritária) que marginaliza o projecto, dificultando a autonomia dos profissionais, reduzindo-os a meros executores de medidas e normas burocráticas, exigindo uma parceria formal com a entidade que

sustenta o projecto. Ora, todos nós sabemos que a inovação não se decreta, não se impõe, surgindo antes pela motivação intrínseca dos seus protagonistas...

*«O Agrupamento vertical da Bela Vista, talvez numa atitude de receio do diferente, tentou “boicotar” as reuniões mensais naquilo que em que era soberano – a instalações – querendo formalizar o que é voluntário, individual e informal; uma vez mais, aqui se espelha a coesão da rede de parcerias que “inverteu o processo” e permitiu a sua normal continuidade.» (Cristina do Cabo e Teresa Bento, 2004)*

*«Tem-se verificado que do Dec-Lei 115/98 e a compulsiva criação de Agrupamentos Verticais de Escolas, em vez de favorecer as adaptações organizacionais em função dos ritmos, especificidades e culturas das comunidades locais, na realidade, ao homogeneizar/normalizar as ofertas, tem provocado a exclusão escolar dos públicos que não se deixam normalizar.»<sup>23</sup>*

O tipo de posturas assumidas pela liderança do Agrupamento de Escolas, reflecte-se, obviamente, no carácter periférico, ou não, das actividades que os professores do Nómada conseguem desenvolver nas escolas. Assim, se o Nómada é assumido pela Escola, como um todo, então as actividades, integradas no seu Projecto Educativo, constituem-se em actividades programáticas tanto de sala de aula como de escola, dando origem a propostas pedagógicas coerentes ao longo do ano lectivo, como foi o caso dos Agrupamentos Verticais de Escolas de Serpa e do Algoz, do Agrupamento Horizontal Rio Azul de Setúbal, da EB1 nº7 de Beja e da EB1 da Bela Vista de Setúbal. No caso em que os professores não conseguem «seduzir» os seus colegas ou no caso dos professores que se “rotinizaram”, as actividades que desenvolvem organizam-se, essencialmente, no interior da sua sala de aula ou em torno das suas relações informais com as comunidades ciganas, rentabilizando o seu tempo extra-lectivo.

Para estes professores resistentes, a rede de pessoas do Nómada, tem funcionado como grupo de apoio, de alento, de modo a que estes não se sintam isolados, evitando os desânimos.

## 2. Visibilidades

Sendo o lema norteador do ICE (e portanto dos seus projectos) «dar espaço ao local, tempo à sua afirmação e poder ao seu poder»<sup>24</sup>, uma das fragilidades do projecto é a sua reduzida visibilidade a nível local, ainda que a tenha adquirido a níveis nacional e internacional, por mais paradoxal que possa parecer. De facto, a prática do projecto tem sido dar voz aos agentes da

---

<sup>23</sup> Entrevista colectiva, Setúbal 2004

<sup>24</sup> Espiney, Rui (1995), Local, Dinâmica, Desenvolvimento Integrado e Parcerias, in Educação e Ensino nº11, Setúbal: AMDS.



intervenção local, procurando favorecer o seu protagonismo e procurando o projecto e o ICE ficar, com frequência, nos bastidores.

## 2.1. Visibilidades do Nómada<sup>25</sup>

A visibilidade do Nómada, enquanto proposta de intervenção comunitária, visando a «promoção das comunidades ciganas e a transformação da escola», pode ser analisada a três níveis:

- 1) *a nível local*, os rostos do projecto são os dos diversos profissionais e/ou organizações que lidam quotidianamente com as comunidades ciganas e a sua visibilidade / difusão faz-se por via “do boca a orelha”, através de contactos informais, consubstanciando-se numa rede de pessoas e/ou organizações que construíram uma relação significativa com as comunidades ciganas.
- 2) *a nível nacional*, os rostos do projecto, foram os das pessoas que constituíram a sua equipa de pilotagem, numa primeira fase, e, numa segunda fase, os que foram permanecendo no projecto ao longo dos 9 anos, assumindo localmente a defesa das problemáticas relacionadas com as comunidades ciganas.
- 3) *a nível internacional*, o rosto do projecto, é apenas o da sua coordenadora nacional.

Neste dois últimos níveis, a visibilidade exprime-se através das inúmeras solicitações feita ao projecto para dar a conhecer as suas propostas de intervenção comunitária junto das comunidades ciganas, de ecoformação de docentes ou para dar formação aos profissionais que trabalham com as comunidades ciganas. No quadro que se segue, apresenta-se o número de solicitações feitas ao Nómada em Seminários, Colóquios, Formações, Congressos, Entrevistas, etc..., cujos pormenores podem ser consultados no anexo «Visibilidade nacionais e internacionais».

Ano	A nível nacional	A nível internacional
1996	1	
1997	3	
1998	3	
1999	8	2
2000	11	2
2001	13	1
2002	3	2
2003	4	1
2004	12	2
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>10</b>

Outras das formas que contribuíram para que o Nómada adquirisse alguma visibilidade foram:

- 1) A realização dos **Encontros Nacionais e das Oficinas Regionais**. Estes serão tratados de modo mais detalhado num ponto 2.3.
- 2) A elaboração de **artigos de divulgação** sobre a experiência do Nómada. Este ponto será tratado mais pormenorizadamente num ponto sobre as Produções.

## 2.2. Visibilidade do projecto nas comunidades ciganas

A visibilidade do projecto no seio das comunidades ciganas pode ser analisada também a dois níveis:

- 1) *A nível local*, as comunidades ciganas desconhecem que por detrás das pessoas que lidam com elas está um projecto cujo nome é Nómada, e muito menos que existe uma instituição ICE. Sabem sim, quem é a «Mirna», a «Cristina», a «Teresa», a «Susana», o «Amílcar», o «Mário», a «Anabela», a «Vanda», a «Isabel», a «Graça», a «Rita», etc.. Sabem que existem umas pessoas que andam de mercado em mercado, que andam na rua, que brincam com as crianças, que gostam de trabalhar com elas e que «têm muita paciência e não fazem excepção delas». Sabem que essas pessoas têm mais amigos que «fazem coisas boas para a gente e que defendem os nossos interesses.»
- 2) *A nível nacional e internacional*, as associações ciganas, sabem que existe o Nómada, suportado por uma instituição que é o ICE-Instituto das Comunidades Educativas, e cujo rosto é o da sua coordenadora nacional.

## 2.3. Pólos de identidade: os Encontros e o Andarilho

Assente nas pessoas e numa rede de pessoas espalhadas pela Península de Setúbal, Alentejo e Algarve, os Encontros e o Jornal Andarilho têm contribuído, por um lado, para a construção da identidade do Nómada, constituindo-se em fóruns de partilha de experiências, troca de ideias, de coesão e de sentimento de pertença, e, por outro lado, para uma maior visibilidade do projecto.

---

<sup>25</sup> Ver em anexo «Visibilidades do Nómada»

Nos *Encontros Nacionais e Oficinas Regionais* os docentes e demais profissionais são chamados a «pronunciarem-se, a explicitarem os seu procedimentos, as suas decisões, o seu pensamento, mobilizando os seus conhecimentos; [nesses momentos] são proporcionados conflitos cognitivos, através dos quais, por um lado, se alargam, interrelacionam e relativizam perspectivas, e, por outro lado, se promovem e consolidam a auto-estima, o risco do compromisso»<sup>26</sup>, se promove o reconhecimento profissional dos seus protagonistas.

Sintetizando, pode-se afirmar que estes eventos contribuíram para alguns efeitos: momentos de formação, de sistematização, construção e produção de conhecimento, definição de estratégias de acção, consolidação da identidade profissional e construção do ideário do projecto.

Estes momentos de grande densidade emocional, constituem já um património de ritualização do projecto:

### Síntese dos encontros nacionais e oficinas regionais

Eventos	Especialistas e colaboradores convidados
<b>I Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Setúbal Março de 1996	Rui d'Espiney (ICE)
<b>II Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Faro Junho de 1996	Rui Canário (FPCE da Universidade de Lisboa)
<b>III Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Almada Junho de 1997	José Alberto Correia (FPCE da Universidade do Porto) Luísa Cortesão (FPCE da Universidade do Porto) Vitor Marques (União Romani Portuguesa)
<b>IV Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Setúbal Junho de 1998	Elisa Costa (CIDAC) Abílio Amiguinho (ESE de Portalegre) José Leitão (ACIME)
<b>1ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Almada, Beja e Faro, Dezembro de 1998	Rui d'Espiney (ICE)
<b>2ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Almada, Beja e Faro, Junho/Julho de 1999	Rui Canário (FPCE da Universidade de Lisboa)
<b>3ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b>  <b>Lançamento do livro "Ciganos e Educação"</b> Almada, Beja e Faro/Novembro de 1999	os vários autores do livro e ainda Carlos Miguel (Assembleia Municipal de Torres Vedras) José Leitão (ACIME) Elisa Costa (CIDAC) Joaquim Coelho Rosa (CIVITAS) Carlos António (IIE) Rui d'Espiney (ICE) Rui Canário (FPCE da Universidade de Lisboa) e ainda representantes das Câmaras, DRE's, CAE's
<b>4ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Setúbal, Beja e Algoz em <i>Maió e Junho</i> de 2000  Realizado em simultâneo com o <b>VI Encontro de Projectos do Algoz</b> a 18 e 19 de Maio	Raimundo Maia, representante da etnia cigana do Laranjeiro Carlos Miguel (Assembleia Municipal de Torres Vedras) Vitor Marques (União Romani Portuguesa) Abílio Amiguinho, (ESE de Portalegre/ICE) Rui d'Espiney, (ICE)

<sup>26</sup> Montenegro, Mirna (2003), *Aprendendo com Ciganos: processos de ecoformação*, Lisboa: EDUCA.pp.36-37.

<p><b>5ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Almada, Beja e Algoz em <i>Outubro e Novembro</i> de 2000</p> <p>Realizado em simultâneo com o <b>Fórum “Culturas Periféricas/Vivências Conjuntas”</b> realizadas em Beja de 25 a 28 de Outubro</p>	<p>Ana Paula Fitas, do ISSS de Beja José Orta, da ESE de Beja Abílio Amiguiinho, da ESE de Portalegre José Alberto Correia, da FPCE da Universidade do Porto Elisa Marques, da Fundação Calouste Gulbenkian</p>
<p><b>6ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Setúbal, Beja e Algoz em <i>Maio e Junho</i> de 2001</p> <p>Realizado em simultâneo com o <b>VII Encontro de Projecto do Algoz</b> a 15 e 16 de Maio</p>	<p>Bruno Gonçalves, da Associação Cigana de Coimbra Olga Mariano, da Associação para o Desenvolvimento das Mulheres e Crianças Ciganas, do Seixal Raimundo Maia, representante da etnia cigana do Laranjeiro Carlos Miguel, Assembleia Municipal de Torres Vedras Rui Canário, da FPCE da Universidade de Lisboa Joaquina Cadete, do PEETI</p>
<p><b>7ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Almada e Faro em Novembro 2001 “Antropologia Matemática” ou “Etnomatemática”</p>	<p>Teresa Vergani, da Universidade Aberta</p>
<p><b>8ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Algoz e Setúbal em Maio 2002.</p> <p>“(Re)Criando com ciganos: (re)construção de práticas educativas”</p> <p>Realizado em simultâneo com o <b>VII Encontro de Projecto do Algoz</b> nos dias 14 e 15 de Maio.</p>	<p>Teresa Vergani, da Universidade Aberta José Gabriel Pereira Bastos, Universidade Nova Catalina Pestana, PEETI Vitor Marques, União Romani Portuguesa Anabela Carvalho, AMUCIP-Associação de Mulheres Ciganas Bruno Gonçalves, Associação Cigana de Coimbra</p>
<p><b>9ª Oficinas Regionais do Projecto Nómada</b> Algoz a 12 de Maio 2003 Almada ou Setúbal a 28 de Maio 2003</p> <p>“Ciganos Aquém do Tejo – propostas nómadas para o ensino básico”</p>	<p>Teresa Vergani, Universidade Aberta José Gabriel Pereira Bastos, Universidade Nova Rui Canário, Universidade de Lisboa Rui d’Espiney, ICE Olga Mariano, AMUCIP Sérgio Aires, Grupo SINA da REAPN Bruno Gonçalves, SOSRacismo Vitor Marques, União Romani Portuguesa</p>
<p><b>V Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Setúbal a 9 de Janeiro 2004-07-03 “Processos de avaliação/investigação participada”</p>	<p>Rui d’Espiney, ICE</p>
<p><b>VI Encontro Nacional do Projecto Nómada</b> Serpa 24 de Maio «O que foi/é “isso” do Nómada?»</p>	<p>Rui d’Espiney, ICE</p>

Um dos momentos decisivos do projecto, em que este adquiriu maior visibilidade, graças à divulgação feita pela Câmara anfitriã, foi o IV Encontro Nacional em 1998, data a partir da qual, devido à grande adesão de mais docentes, organizaram-se descentralizadamente Oficinas Regionais nas três regiões de desenvolvimento do projecto, aproveitando as sinergias locais entretanto desocultadas. Quando se verificou uma retracção do número de docentes implicados, retomaram-se os Encontros Nacionais, de modo a garantir uma troca entre um público mais vasto e diversificado.

Outro dos momentos decisivos foi as 5<sup>as</sup> Oficinas Regionais, realizadas em 2000 em simultâneo com o Fórum “Culturas Periféricas/Vivências Conjuntas”, com a duração de 4 dias em Beja, conferindo, também, maior visibilidade ao projecto.

O “invento” *Jornal Andarilho*, com 20 números, tendo sido concebido, em 1997, por uma estagiária em Ciências da Educação, após auscultação dos docentes e demais profissionais, com publicação e divulgação caseiras de regularidade trimestral, tem funcionado tanto como uma estratégia pedagógica no sentido de incentivar os alunos ciganos a escreverem, como um modo de trocar experiências entre as diversas organizações da rede do projecto. Este património de registos foi, entretanto, capitalizado e construído o livro «Ciganos Aquém do Tejo – propostas de actividades nómadas para o ensino básico», publicado pelo ACIME em Setembro e cujo lançamento público se realizou a 24 de Novembro no Conselho Nacional de Educação.

## 2.4. Produção de conhecimento

Pode-se distinguir formas de produção de conhecimento: de forma oral e de forma escrita.

Assim, os vários Encontros e Oficinas assim como as reuniões mensais, são momentos propiciadores da construção e da produção oral de conhecimento que os inúmeros docentes e demais técnicos são chamados a elaborar no exercício de explicitação da sua acção junto das comunidades ciganas.

Algumas destas produções de conhecimento são, posteriormente, tornadas escritas, consubstanciando-se, nomeadamente, nos vários relatórios e reflexões elaborados no final de cada ano lectivo pelos docentes implicados na formação, nos vinte números do *Jornal Andarilho*, dos nove Módulos de Formação<sup>27</sup> e dos relatórios de actividades dos seis Encontros Nacionais e das nove Oficinas Regionais.

Pode-se ainda identificar um outro nível de produção escrita de conhecimento tendo por objectivo uma mais vasta divulgação da acção do projecto do qual se apresenta alguma da bibliografia produzida no âmbito do projecto Nómada.

1996	Paiva, Mirna Montenegro (1996), <i>Projecto Nómada, Um projecto em processo de construção</i> , ICEInfor nº5, Setúbal: ICE Relatório de Actividades do Projecto Nómada, (1996), ICE: Setúbal
1999	Montenegro, Mirna (Org.) <b>Ciganos e Educação</b> , Cadernos ICE nº5, Setúbal: ICE Montenegro, Mirna (1999), <i>Projecto Nómada! Tentativa de definição ou... em busca de uma utopia</i> , <b>Educação e Ensino</b> nº21, AMDS: Setúbal Relatório de Actividades do Projecto Nómada (1999), ICE: Setúbal
2001	Montenegro, Mirna (2001), “ <i>O que aprendi com as crianças e famílias ciganas?</i> ”, in <b>Saúde</b>

---

<sup>27</sup> Ver anexo «Os módulos de formação»

	<p>e <b>Liberdade. Ciganos, números, abordagem e realidades</b>, Lisboa: SOSRacismo. Pp-281-287.</p> <p>Fernandes, Teresa (2001), "Reflexões de uma Alentejana", in <b>Saúde e Liberdade. Ciganos, números, abordagem e realidades</b>, Lisboa: SOSRacismo. Pp-276-280</p> <p>Montenegro, Mirna &amp; Fernandes, Teresa (2001), <i>Projecto Nómada: Um campo de possibilidades</i>, in <b>Que Sorte! Ciganos na nossa Escola</b>, Lisboa: Colecção Interface/Secretariado Entreculturas, Ministério da Educação.Pp.163-182</p> <p>Relatório de Actividades do Projecto Nómada (2001), ICE: Setúbal</p>
2003	<p>Montenegro, Mirna (2003), <b>Aprendendo com Ciganos: Processos de Ecoformação</b>, Lisboa: EDUCA</p> <p>Montenegro, Mirna (2003), <i>Aprendendo com Ciganos: Processos de Ecoformação</i>, in <b>Minorias étnicas e religiosas em Portugal</b>. História e actualidade. Actas do Curso de Inverno 2002. Coimbra: Instituto de História Económica e Social, faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. pp.461-475.</p> <p>Montenegro, Mirna (2003), <i>Aprendendo com Ciganos: Processos de Ecoformação</i>, <b>Educação Sociedade e Culturas</b> nº20, Porto: Edições Afrontamento.pp.149-165.</p> <p>Montenegro, Mirna (2003), <i>O sentido estratégico da informalidade na construção da mudança</i>, <b>Notícias da Amadora</b> nº1557, de 27 de Novembro.p.17.</p>
2004	<p>Montenegro, Mirna (2004), A Mulher Cigana: Um desafio à emancipação do Povo Cigano, <b>Notícias da Amadora</b> nº?, Março de 2004,</p> <p>Fernandes, Teresa &amp; ali (2004), <b>Ciganos Aquém do Tejo – propostas de actividades nómadas para o Ensino Básico</b>, ACIME: Lisboa</p> <p>Relatório Final do Nómada, (2004),Setúbal, ICE</p>

Para além do conhecimento registado e publicado, o projecto também produziu «um conhecimento de saber de experiência feito» e profundamente reflectido, conferindo aos seus docentes, e demais profissionais, saberes e saberes-fazer que constituem já um património inalienável e uma competência colectiva do projecto. Este saber colectivizado é já uma das marcas das pessoas e da rede de pessoas do projecto que vai influenciando as dinâmicas locais de intervenção comunitária e educativa.

### 3. Mecanismos de sustentabilidade

Um projecto de longo prazo, sem recurso a financiamentos avultados, como o Nómada, tem sustentado a sua intervenção essencialmente nas pessoas e na rede de pessoas que, por sua vez, arrastam consigo uma rede de parcerias institucionais, com diversos papéis (ver anexo «As pessoas e as Parcerias»), a qual vai permitindo empreender iniciativas graças às sinergias construídas e alimentadas. Contudo, apresenta-se uma síntese dos contributos financeiros contabilizados que o projecto conseguiu angariar ao longo destes nove anos de desenvolvimento. O quadro que se apresenta não revela os inúmeros contributos logísticos e

não contabilizáveis que muitas das parcerias de apoio e de acção disponibilizaram para a consecução das iniciativas realizadas.

Ano €	IIE DEB	Ministério Educação (*)	Calouste GulbenKian	Autarquias	IPJ	ICE	TOTAL
1995	3.491,58	-	-	-	-	1.256,35	4.747,93
1996	997,60	-	14.963,94	-	-	-	15.961,54
1997	1.496,40	-	7.481,97	2.986,80	134,95	-	12.100,12
1998	-	-	6.234,97	3.990,40	-	2.211,37	12.436,74
1999	4.489,20	9.975,96	6.234,97	1.745,80	534,71	-	22.980,64
2000	1.496,40	-	-	3.741,00	-	1.169,42	6.406,82
2001	1.496,40	-	6.234,97	2.743,39	99,76	-	10.574,52
2002	750,00	-	-	249,40	-	714,79	1.714,19
2003	1.500,00	-	5.000,00	-	-	-	6.500,00
2004	400,00	-	5.000,00	-	-	-	5.400,00
<b>TOTAL</b>	<b>16.117,58</b>	<b>9.975,96</b>	<b>51.150,82</b>	<b>15.456,79</b>	<b>769,42</b>	<b>5.351,93</b>	<b>98.822,50</b>

Acresce, ainda, que a **formação**, embora gratuita para os técnicos e docentes implicados no projecto, custou 16 600€ (à razão de 25€/ano a 664 professores acreditados ao longo dos 9 anos) ao Centro de Formação "Comunidades Educativas" do Centro para o Desenvolvimento e Formação-CPDF.

Pode dizer-se que o projecto Nómada, custou em média, 12 824.72€ por ano (\*) sem incluir, contudo, o **destacamento/requisição** dos docentes que constituíram a equipa de pilotagem e de coordenação:

Ana Josefina Gonçalves (a tempo integral) em 1995/96 para Setúbal.

Mário Santos (a tempo parcial), entre 1998/99 a 2000/01 para a Península de Setúbal.

Mirna Montenegro (a tempo integral), desde de 1995/96 até à data.

Susana Nogueira (a tempo integral), entre 1998/99 e 2000/01 para o Algarve.

Teresa Fernandes (a tempo integral), entre 1998/99 e 2000/01 para o Alentejo.

É de salientar que, apesar de uma redução drástica na requisição/destacamento dos seus coordenadores locais/regionais, este facto não inviabilizou a continuidade do projecto, tendo-se

reorganizado no sentido de reaproveitar os recursos endógenos locais, nomeadamente, a **energia do voluntariado** dos seus diversificados agentes de desenvolvimento. Assim, pode-se afirmar que aliada a uma redução quantitativa de escolas abrangidas ao longo dos 9 anos houve também um crescente aprofundamento qualitativo da problemática apropriada pelos docentes e demais técnicos implicados.

### **Em jeito de síntese conclusiva...**

...pode-se resumir alguns indicadores dos efeitos produzidos pelo projecto:

- Maior percepção das especificidades da cultura cigana por parte dos docentes e demais técnicos implicados e consequente consciencialização da necessidade ajustamentos de atitudes para um melhor diálogo intercultural;
- Reconhecimento do Nómada, tanto a nível nacional como internacional, como uma abordagem alternativa sobre as problemáticas ciganas;
- Reconhecimento do projecto por líderes ciganos, nomeadamente as suas associações;
- Emergência de manifestações da cultura cigana (poesia, grupos culturais, etc.);
- Constituição de uma equipa de reflexão/orientação, identificando o Nómada como um processo metodológico de intervenção e um ideário;
- Sobrevivência do projecto apesar da redução das requisições/destacamentos dos seus coordenadores, revelando ter sido apropriado/interiorizado pelos seus agentes;
- Produção de conhecimento com alguma diversificação tanto na forma como nos autores.

### **Do caminho percorrido do projecto Nómada (I)...**

No seio das conversas colectivas tidas no presente ano sobre a avaliação do Nómada, foi utilizada a metáfora dos «ÓCULOS ICE» para olhar os projectos de desenvolvimento, quais processos de envolvimento e de crescimento pessoal, social e local, em que uma das lentes são OS AFECTOS e a outra OS CONCEITOS, convergindo ambas na análise das dimensões EVENTOS, EFEITOS E INFLUÊNCIAS, enquanto instrumentos para responder à questão **«Afinal, o que é/foi isso do Nómada?»**



Neste processo de olhar e ler a realidade, revelou-se ser importante implementar um dispositivo de acompanhamento aos agentes de intervenção através duma equipa «desembaciadora de lentes» destes óculos. Assim, pode-se sintetizar as várias fases do olhar do Nómada: da 1ª fase «Olhar o Outro», passando para uma 2ª fase de «Olhar-nos através do olhar do Outro», para a 3ª fase «assumindo-se como mediadores».

«O Nómada não foi feito para ser aplicado exactamente como foi pensado...» Ele foi concebido de forma tão aberta que os acasos puderam acontecer, sendo agarrados e reinvestidos. Surgiram acontecimentos – eventos e influências (nomeadamente, a implementação do RMG-Rendimento Mínimo Garantido, a política do PER-Programa Especial de Realojamento, a mobilidade dos docentes, a implementação da Autonomia e Gestão das Escolas, a constituição dos Agrupamentos Escolares, Os Barões, o Andarilho, os Encontros, etc..) – aos quais o Nómada teve necessariamente que se ajustar, redireccionando as estratégias de intervenção. O Nómada não fornece os óculos com que se deve olhar a realidade mas procura adequar as lentes consoante a falta de vista que o agente de desenvolvimento explicita o seu sentir, enquanto forma de conhecimento. «O Nómada faz com que o agente de desenvolvimento descubra qual a postura e o papel que deve adoptar face aos problemas com que se confronta e face às pessoas com quem trabalha».

Na **metodologia de intervenção** do Nómada, o ICE revelou ser o beiral onde os agentes de intervenção vêm buscar alimento e energia para voos mais audaciosos e persistentes. O Nómada é um projecto de investigação-acção com vista à mudança transdisciplinar sempre na análise das necessidades de cada comunidade em concreto. O Nómada revelou ser um potenciador de ideias e práticas, desocultando, revelando e colocando em rede o que outros pensam e fazem, rentabilizando os saberes, as energias e as sinergias. A socialização dos recursos ocultos e dos recursos afectivos revelou ser uma das condições de sustentabilidade do projecto. Os afectos e os conceitos foram o motor que endogeneizaram as influências externas, recriando eventos, criando inventos. Para alguns, o Nómada revelou-se ser mais sentido do que pensado, tornando-se redutor tentar defini-lo, porque uma das suas características é ser ajustável, flexível, dialéctico, aberto ao imprevisto e ao outro, sem contudo perder de vista a direcção que persegue.

**Afinal, o que é o Nómada? Sintetizando: o Nómada é uma sinergia.**

É uma **metodologia**, um como fazer assente na:

- Informalidade
- Animação comunitária
- Centração e descentração dialéctica da reflexão (relação vai vem entre o micro e macro, entre a teoria e a prática, etc..)
- Intervenção mediada
- Pedagogia do *superavit*
- Trabalho em rede

É uma **abordagem sociopolítica** (não partidária), um porque fazer assente num:

- Ideário (o que nos une, a nossa identidade)
- Perspectiva de desenvolvimento
- Determinada relação com as culturas
- Determinada relação com o poder

### **Conceitos subjacentes**

O Nómada tem um modo próprio de pôr em contacto culturas «de costas voltadas». No Nómada, compromete-se enquanto pessoa, profissional e cidadão. Há envolvimento, proximidade e continuidade na relação tanto com os professores como com os ciganos. Procura-se criar espaços de convívio intercultural, procura uma transformação, por osmose, dos não ciganos, dividindo preocupações, entusiasmos, etc..

Contributos para a construção do **ideário do Nómada**: «mais pessoa para mais ser, mais cidadania para mais querer, mais formação para mais compreender»

1. Assunção e o direito ao inconformismo como forma de estar. Não aceitar a desigualdade e fazer de nós mesmos uns inquietos, uns desassossegados.
2. Defendemos a cidadania porque somos inconformistas. Cidadania que passa pela emancipação do outro, pela inserção (requalificando o sítio para onde vou) mais do que pela integração (num sítio que pré-existe e está pré-determinado).
3. Valorizamos a diferença, em nós próprios como destinatários da mudança, da eco-transformação, potenciando a diferença que vem até nós.
4. Valorizamos a simetria e a reciprocidade. Funcionamos com o outro a partir da lógica dele sem deixar diluir a nossa, reconstruindo-nos mutuamente.

5. Valorizamos os afectos que resultam da relação interpessoal: «pensar com o coração e sentir com a cabeça», na lógica da reconstrução da pessoa.
6. Valorizamos a ética da solidariedade e do cuidado ao outro. Só se é cidadão com o outro na construção de uma nova e melhor sociedade.

Cada um destes valores é não apenas um ESTAR mas também um SER.

Estes valores assentam em **práticas metodológicas**

- A pedagogia da Roda (reversibilidade dos papéis, colegialidade, democracia participada...)
- A informalidade (proximidade pessoal, acessibilidade, ...)
- A interacção (troca, reflexão, inquietação e entusiasmo partilhados, ...)
- A persistência (continuidade da acção, perseguição de uma utopia, ...)

...às perspectivas de futuro do processo Nómada (II)

## NÓMADA II

Com base neste ideário, nestes pressupostos metodológicos e princípios sociopolíticos, a intervenção orientar-se-á em torno de 3 eixos interdependentes:

### PROJECTO DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA DAS COMUNIDADES CIGANAS E DE TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA

#### 1 - Animação Comunitária para a Cidadania Democrática visando:

- ☞ Sensibilizar e envolver as instituições para a organização de espaços de debate, (os quais não têm que, necessariamente, ser promovidos pelo Nómada), restritos e alargados, tendo como base as preocupações do quotidiano das pessoas e na cidadania, sejam de etnia cigana ou não, viabilizando a sua participação democrática;
- ☞ Criar e dinamizar espaços de animação de crianças (enquanto estratégia de mediação e espaços de desenvolvimento pessoal e social e de educação intercultural)) tendo como

resultado “libertar” as mães/familiares para poderem participar nos espaços de encontro/debate;

- ☞ Dinamizar e criar grupos informais de pessoas de etnia ciganas (e não só), mobilizando-os para uma participação mais cidadã.

## **2- Ecoformação visando mudar o olhar sobre as comunidades ciganas através de:**

- ☞ *Acompanhamento* de rectguarda à intervenção, constituindo grupos de trabalho para a organização dos debates, para a exploração do livro «Ciganos aquém do Tejo» (a ser publicado em Setembro pelo ACIME), e para o que, localmente, a rede dos diversos profissionais implicados se mobilizarem ou considerarem oportuno e pertinente desenvolver;
- ☞ *Ecodifusão* - rendibilizando o trabalho e pesquisa das crianças, dos jovens e dos adultos enquanto investigadores e formadores, no processo de organização dos espaços de debates;
- ☞ *Restruturação* da organização das aprendizagens e das práticas pedagógicas, implicando a inclusão no projecto curricular de turma a exploração do livro «Ciganos Aquém do Tejo» e a divulgação dos processos de pesquisas levado a cabo pelas crianças aos adultos, organizando debates internos às escolas e/ou demais instituições.  
Tal organização, incluindo espaços de debate na escola, implica também incluir esta *démarche* no plano de actividades da escola e integrá-lo no seu projecto educativo.
- ☞ *Fusão* das práticas educativas ciganas nos processos de aprendizagens escolares, transformando a organização, funcionamento e práticas das escolas.

## **3 - Sistematização da intervenção e produção de conhecimento visando:**

- ☞ Pôr as crianças e os jovens a «falar»;
- ☞ Pôr os adultos a «falar»;
- ☞ Devolver as experiências desenvolvidas, criando reflexão sobre os projectos;
- ☞ Criar o hábito de descrever a acção, explicando-a e produzindo um «argumentário».

Através de alguns instrumentos:

- ☞ Encontros - enquanto tribuna regular dos actores/profissionais;
- ☞ Brochuras e Boletins (Andarilho, etc...) - enquanto tribunas ocasionais; tribuna de fala;
- ☞ Colectâneas de folhetos temáticos e pedagógicos de apoio à intervenção;
- ☞ Artigos de cariz científico ou de opinião (património teórico)
- ☞ CDRom para suporte de trabalho em sala de aula, reuniões de pais ou outros.

## **ANEXOS**

---

---

## Fases e objectivos gerais do projecto Nómada I

### 1ª fase – de 1995/96 a 1998/98 – Implementação - «Olhar o Outro»

#### Objectivo

1) Implicar as comunidades escolares (Almada, Seixal, Setúbal, e Faro) na detecção de regularidades nas ausências e nos percursos das crianças ciganas.

### 2ª fase - de 1998/99 a 2000/01 - Aprofundamento e Difusão – «Olhar-nos através do olhar do Outro»

#### Objectivos

2) Pretendeu-se que as comunidades ciganas esboçassem uma *nova relação com as aprendizagens formais/escolares*, apropriando-se de processos de construção de soluções negociadas com as comunidades educativas/escolares (o que implica uma mudança, por parte das comunidades escolares/educativas, das representações sobre os valores culturais da etnia cigana e dos seus modos de vida, assim como uma alteração na organização na organização e funcionamento escolares e nas práticas pedagógicas);

3) Pretendeu-se também que contactassem com outras comunidades ciganas, seduzindo-as, por forma a alargar o âmbito e acção das escolas enquanto “estafetas das famílias”, constituindo uma rede de pessoas e/ou organizações com relações privilegiadas com as comunidades ciganas, numa constante negociação entre as diversas lógicas e poderes em presença.

4) Com o aparecimento do Rendimento Mínimo Garantido, tomou-se decisivo transformar a motivação extrínseca de ir à escola em motivação intrínseca...Transformar a obrigatoriedade em ir à escola num prazer em lá estar...

5) Pretendeu-se ainda, nesta fase, que as dinâmicas construídas entre as dinâmicas educativas escolares e ciganas *sensibilizassem e envolvessem as comunidades locais* (associações culturais, colectividades, autarquias, etc., constituindo-se em eventuais “escolas estafetas da família”) implicando-as na resolução de problemas próprios desta etnia (habitação, saúde, locais de venda ambulante, pequenas empresas domésticas, educação de adultos, formação profissional, etc.), *desenvolvendo projectos de intervenção e desenvolvimento comunitário*.

### 3ª fase - de 2001/02 a 2003/04 - Validação (e para à qual contribuirá, de sobremaneira, a dinâmica de negociação induzida na 2ª fase) - «Assumindo-nos como mediadores»

#### Objectivo

6) Pretende-se gerar/criar/construir *dinâmicas locais de participação* das comunidades ciganas, como parceiras, com direitos e deveres, não só reconhecidos, mas efectiva e quotidianamente praticados e exercidos. Estaremos perante uma verdadeira prática da cidadania, não só por parte das comunidades ciganas como também das comunidades escolares e do próprio sistema educativo.

## **Pressupostos metodológicos e eixos de intervenção**

### **PROJECTO DE PROMOÇÃO DAS COMUNIDADES CIGANAS E DE TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA**

#### **PORQUÊ?**

De combate à intolerância, ao racismo, à xenofobia, à exclusão escolar, social e cultural das comunidades ciganas.

#### **COM QUE FINALIDADES?**

- Valorizar e dignificar a cultura cigana;
- Identificar pessoas/organizações significativas que tenham relações privilegiadas com as comunidades ciganas;
- Construir malhas de parceria;
- Contribuir para a mudança de atitudes e práticas para a democracia participativa assente na solidariedade com a diferença;
- Combater a exclusão escolar, social e cultural das comunidades ciganas;

#### **COM QUEM?**

Pessoas colectivas e individuais, públicas e privadas, espaços de educação formal, informal e não formal:

- Mais de 50 organizações (Escolas, Centros Comunitários, Associações, Autarquias, Educação de Adultos, Educação de Infância, individualidades, etc.);
- Mais de 300 pessoas (professores, educadores, animadores, técnicos das autarquias, etc.);
- Mais de 1000 pessoas de etnia cigana.

#### **ONDE?**

Em 13 concelhos do sul do país: da Península de Setúbal, Alentejo e Algarve (Almada, Seixal, Setúbal, Beja, Serpa, Mértola, Moura, Faro, São Brás de Alportel, Silves, Portimão, Lagoa, Lagos).

#### **PARA QUÊ?**

No intuito de ir transformando as diversificadas organizações parceiras em verdadeiros espaços comunitários caracterizados por:

- haver reorganização e flexibilização dos tempos e dos espaços;
- serem organizadores e produtores de saberes pertinentes;
- permitirem a reversibilidade dos papéis;
- serem (re)distribuidores de poderes;
- e serem espaços de realização de direitos e de exercício de cidadania;



## COMO?

Identificando, rentabilizando e potenciando as redes de relações informais e as dinâmicas sociais e comunitárias enquanto estratégias fundamentais de participação e de intervenção democráticas, baseadas num processo permanente de negociação e de construção de parcerias, no sentido de ir tecendo uma rede de pessoas e organizações significativas com relações privilegiadas com as comunidades ciganas.

## COM QUE INICIATIVAS?

1) a *Animação nos Mercados e na Rua* que visa, através da convivência e da ludicidade:

- a participação das famílias nas actividades socioeducativas dos filhos;
- a interacção social enquanto encontro de culturas e espaços de aprendizagens interculturais;
- a sensibilização das famílias para a cultura escolar e a sensibilização das escolas para a cultura familiar/doméstica;
- a democratização, explicitação e intersecção de saberes formais e informais
- a visibilidade social do acto educativo enquanto acto cultural.

2) A *Ecoformação*, enquanto modalidade de formação (acreditada) de professores e educadores (e demais actores sociais) e enquanto espaço de reflexão que promova e permita:

- um acompanhamento metodológico aos profissionais;
- uma reflexão sobre as práticas sociais e educativas enquanto actos culturais;
- a identificação de estratégias de intervenção social promotoras de participação e de cidadania;
- a racionalização (gestão emocional) das incertezas e das inseguranças
- e a consolidação e sistematização dos saberes que vão emergindo e se vão construindo sobre as práticas reflectidas.

3) A *dinamização e/ou constituição de grupos culturais ciganos* que promovam e dignifiquem a cultura cigana;

4) o *Jornal Andarilho* enquanto espaço de divulgação e de partilha das práticas educativas e da cultura cigana.

## As pessoas...

ABÍLIO JOAQUIM TEIXEIRA  
ADELAIDE DA CONCEIÇÃO MARTINS LIBERATO FIALHO  
ADELAIDE MARIA CUSTÓDIO  
ADELINA MARIA DAVID SILVA  
AGOSTINHA RAMALHO GERALDO  
AIDA MARIA MIGUEL TOMÉ  
ALEXANDRA MARIA CARDOSO GOMES  
ALEXANDRA MARIA QUELHAS AMARAL GARCIA  
AMILCAR AUGUSTO DE SOUSA CAETANO  
ANA CRISTINA CORREIA  
ANA CRISTINA DE OLIVEIRA CASEIRO MARQUES DA SILVA  
ANA CRISTINA SIMÕES DIAS GONÇALVES DO CABO  
ANA DO CARMO DIAS MARQUES  
ANA FERREIRA ROSA  
ANA FILIPA VICENTE REALISTA GODINHO  
ANA ISABEL GONÇALVES EUSÉBIO DOMINGOS  
ANA LUÍSA DE ALMEIDA PINA  
ANA LUISA DOS REIS E MOURA NUNES DA SILVA  
ANA MARIA COSTA MARQUES  
ANA MARIA DA MAIA GOMES  
ANA MARIA DE AZEVEDO RAMOS  
ANA MARIA DO ROSÁRIO VALENTE  
ANA MARIA DUARTE  
ANA MARIA GALAMBA DOUNINHO  
ANA MARIA LUÍS DA AVÓ  
ANA MARIA MARTINS DA SILVA CORREIA DIAS  
ANA MARIA ROMANA DOS REIS SOBRAL GONÇALVES  
ANA PAULA BOTO SILVA  
ANA PAULA DOS SANTOS  
ANA PAULA MARQUES FERNANDES  
ANA PAULA NEVES LOJA  
ANA PAULA SOARES CARDOSO GASPAR  
ANA SOFIA NUNES PEIXINHO  
ANA TERESA DA GLÓRIA INÁCIO  
ANABELA CABEÇA CARVALHO  
ANABELA CUSTÓDIO RODRIGUES DOS SANTOS  
ANABELA MARIA MENDES CARRILHO MIRA BORREICHO  
ANABELA MARIA MENDES SARILHO  
ANABELA NEVES RODRIGUES NARCISO  
ANAÍSA TEODORA DIAS CATIVO VIEGAS CUSTÓDIO  
BEATRIZ GRAZIELA CALAFATE FERREIRA  
BENTO JOSÉ CAMPANIÇO CAMACHO FERNANDES  
BENVINDA MARIA BENTO NOBRE CAVACO  
CARLA CRISTINA SIMÃO PAULINO MÓSCA  
CARLA ISABEL BATISTA PIÇARRA  
CARLA SOFIA JUNCEIRO COSTA MARTINS COSTA  
CARLA SOFIA SANTOS SILVA  
CARLA SUSANA MATOS OLIVEIRA  
CARLOS MANUEL PEREIRA PEIXOTO  
CÉLIA MARIA GRADE PEREIRA DOUTOR  
CÉLIA MARIA GRANJA VIEGAS DOMINGOS  
CÉLIA MARIA RODRIGUES COSTA SEQUEIRA  
CIDÁLIA GUADALUPE SANTINHOS CARRASCO FABELA  
CLAUDIA SOFIA DA CONCEIÇÃO R. GABRIEL  
CLOTILDE MARIA GUERREIRO SOARES NETO CARVALHO  
CRISTINA MARIA DA SILVA CORGA NOGUEIRA  
CRISTINA MARIA GALAMBA FORTUNATO TRINDADE  
CRISTINA MARIA L. RODRIGUES DE PASSOS E COSTA  
CRISTINA MARIA MARCELINO GARCIA ARVANAS  
DANIELA MARIA CUNHA CARDOSO  
DELFINA MARIA SIMÕES GONÇALVES ZACARIAS  
DESIDÉRIA MARIA GUERREIRO NASCIMENTO DOS SANTOS  
DIAMANTINA DO CARMO CHAGAS ESCOVAL BEIRAMAR  
DILAR MARIA RODRIGUES MARTINS  
DILAR MARIA SOUSA DOS SANTOS PEREIRA  
DINA MARIA MARTINS NUNES SERRA  
DOMINGOS MANUEL CARRASCO FABELA  
DONZILIA MARIA GOMES CARRÃO DE FREITAS FARIA  
EDÍLIA MARIA ALVES DE BRITO  
EDUARDA MARIA GAGO SILVESTRE  
ELAS MARIA VIDIGAL DA PAZ GOMES QUARESMA  
ÉLIA MARIA PEREIRA REIS  
ELISA MARIA DE BARROS MARQUES  
ELISA MARIA JESUS MARTINS DIAS SANCHES  
ELISABETE DA CONCEIÇÃO PASSOS MARQUES CRISTÃO  
ELISABETE DE JESUS CHARRUA  
ELISABETE MARIA DE SOUSA ALVES FERNANDES  
ELSA MARIA BALTAZAR DIAS CORREIA AFONSO  
EMA CRISTINA SANTOS NEVES GOUVEIA  
EMA MARIA DE CASTRO MARIANO OSÓRIO  
EUGÉNIA DA GRAÇA PEREIRA PINEL  
EUGÉNIA MODESTO PEREIRA XAVIER  
FÁTIMA BATISTA RODRIGUES COELHO  
FÁTIMA MARQUES CANDEIAS  
FELICIANA ROSA GANHÃO SANTANA CORDEIROS  
FELISBELA CONCEIÇÃO CRUZ BAIÃO NASCIMENTO  
FELISBELA MARTINHEIRA ROCHETA BRITO LEITÃO  
FERNANDA BRÁS GIL LOPES  
FERNANDA DE SOUSA SIMÕES  
FERNANDA MARIA BAPTISTA REIGADA SILVÉRIO  
FERNANDA MARIA BARROCAS CRUZ CORREIA  
FILIPA CRISTINA DE MATOS SOBRAL PIÇARRA  
FILOMENA MARIA ALMEIDA DOS SANTOS BORREICHO  
FILOMENA MARIA MACHADO PINTO SERAFIM  
FILOMENA MARIA MIRAGAIA DINIS RAMOS  
FRANCISCO INÁCIO COLAÇO DA PALMA  
FRANCISCO JOSÉ GABRIEL BOSSA  
GEORGINA DE OLIVEIRA E SILVA  
GRAÇA MARIA SIMÕES DA COSTA ALMEIDA  
GRACIETE DA CONCEIÇÃO RIBEIRO NUNES  
HELENA AUGUSTA RAMOS MATEUS CHOCALHEIRO  
HELENA ISABEL DA FONSECA CABRITA FERNANDES  
HELENA MARIA PACHECO FERREIRA TEIXEIRA  
HELENA MARIA PARDAL DA SILVA  
HERLANDER MIGUEL GONÇALVES MADEIRA DE MIRA  
IDALÉCIA SUSTELO CABRITA BRÁS  
IDALINA MARIA OLIVEIRA ALBARRÃO DA F. FRANCISCO  
ILDA LEONOR CANDEIAS  
IOLANDA MARIA DE SOTTO MAYOR N. DE OLIVEIRA BATISTA  
ISABEL DA CONCEIÇÃO FERNANDES GARRIDO  
ISABEL FRANCISCO BARÃO MIGAS  
ISABEL MARIA FERNANDES DE OLIVEIRA  
ISABEL MARIA GODINHO LUCAS  
ISABEL MARIA HENRIQUE GUERREIRO BRITO PALMA  
ISABEL MARIA ISIDRO VASCO PARREIRÃO E GOMES  
ISABEL MARIA LOURENÇO PINA DOS SANTOS  
ISABEL MARIA MACENEIRO CAPELA  
ISABEL MARIA MARQUES SILVA  
ISABEL MARIA MOURA LOURENÇO  
ISABEL MARIA PAIXÃO AFONSO  
ISABEL MARIA TOMÁSIO CORREIA  
ISABEL PIRES DIAS MESTRE  
ISAURA DE FÁTIMA SARUGA FERNANDES  
ISILDA ALVES DA SILVA BENTO  
ISOLINDA MARIA MENDONÇA GOMES CAVACO  
JAIME MANUEL BAIÃO MACHADO CAMPOS  
JOÃO MANUEL RODRIGUES XAVIER  
JOSÉ FRANCISCO AGUIAR SERAFIM  
JOSÉ JOAQUIM AGOSTINHO DA CRUZ  
JOSÉ MANUEL RODRIGUES PEREIRA  
JOSÉ ORLANDO FIGO LUCAS  
JOSÉLIA MARIA MARQUES RODRIGUES  
JULIANA MARIA SANTOS FILIPE FARINHA  
JULIETA DÓRIA FERRO DA SILVA RAPOSO  
JUSTINA CELESTE MONTEIRO  
LAURA MARIA CRISTINA PINHEIRO ANDREZ MARTINS  
LEONILDE AFONSO MARTINS PEREIRA  
LINA GERTRUDES G. JANEIRO BARROCAL FIALHO  
LINA MARIA FLORÊNCIA DOMINGUES VIEGAS  
LOBÉLIA GRADE COELHO DA SILVA MONTES

LUCÍLIA MARIA BORRALHO PIPA GODINHO  
LUÍSA DE OLIVEIRA FERNANDES  
MARCELINA DA PIEDADE CORREIA FÉLIX LOPES  
MARGARIDA DE JESUS SEITA MONGE  
MARGARIDA ISABEL DA CRUZ BRITO  
MARIA ADÍLIA PINTO VIEIRA  
MARIA ALEXANDRINA PACHECO DA COSTA  
MARIA ALICE PEREIRA SERRA  
MARIA ALVINA FIGUEIRA TRINDADE  
MARIA ALZINDA SIMÃO CARMELO  
MARIA ANA BAIÃO TRISTÃO DELGADO  
MARIA ANA SOUSA DA PALMA DE JESUS CÉSAR  
MARIA ANÁLIA BRITO PALMA PIÇARRA  
MARIA ÂNGELA SERRANO MENDES BELCHIOR  
MARIA ANTÓNIA DOUTOR LANÇA  
MARIA ANTONIETA MARQUES TEIXEIRA  
MARIA ARLETE COSTA FERREIRA MARÇAL CORRÊA  
MARIA AUGUSTA FONSECA RATO CAPETO SARAMAGO  
MARIA AUGUSTA SARAIVA DOS SANTOS FERREIRA  
MARIA BELCHIOR GUALDINO MESTRE  
MARIA CÂNDIDA DA SILVA CATIVO  
MARIA CELESTE SOARES  
MARIA CLARA BEIRÃO DE OLIVEIRA DE BARROS MARTINS  
MARIA CLARA CHINITA DA MATA  
MARIA CLARA CRUZ FIGUEIRA SOUSA  
MARIA CLARA GUERREIRO SALVADO MACHADO  
MARIA CRISTINA DE BRAVO SANTOS  
MARIA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA REBOREDO  
MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRADE GRILO LOPES DA SILVA  
MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO PEREIRA DE SOUSA  
MARIA DA CONCEIÇÃO GOMES FERREIRA FONSECA  
MARIA DA CONCEIÇÃO MARQUES PERES RAMOS DA SILVA  
MARIA DA CONCEIÇÃO MARTINS COSTA FREITAS  
MARIA DA CONCEIÇÃO VIDIGAL C. P. BANDEIRA GONÇALVES  
MARIA DA ENCARNAÇÃO CRISTINA MAIO DIAS  
MARIA DA GRAÇA ANTUNES RIBEIRO  
MARIA DA GRAÇA NETO DOS SANTOS JACOB BRÁS  
MARIA DA GRAÇA PAIXÃO BARROSO  
MARIA DA GRAÇA PIRES  
MARIA DA GUADALUPE DOS SANTOS MESTRE  
MARIA DA NATIVIDADE GONÇALVES BRIGAS JANELA  
MARIA DA PAZ ALELUIA PAQUETE SEQUEIRA  
MARIA DAS DORES GAMITO MARQUES  
MARIA DE DEUS SARIVA PEREIRA MENDES LEAL  
MARIA DE FÁTIMA ALMEIDA AFONSO  
MARIA DE FÁTIMA CARNEIRO DA FONSECA REIS SANTANA  
MARIA DE FÁTIMA CAVACO DOS SANTOS  
MARIA DE FÁTIMA DIAS MENDONÇA DUARTE  
MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS MATEUS SOUSA  
MARIA DE FÁTIMA LAMPREIA GOMES CARAPINHA  
MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA G.PATRIARCA SEBASTIÃO  
MARIA DE FÁTIMA PEREIRA RODRIGUES MARTINS  
MARIA DE FÁTIMA PIRES  
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO FILIPE PASSEIRO  
MARIA DE FÁTIMA V. CORREIA B.DE ARAGÃO TEIXEIRA  
MARIA DE JESUS GOMES NETO DOS SANTOS BARRACOSA  
MARIA DE JESUS GUERREIRO GALVÃO  
MARIA DE LURDES CARDOSO SARAIVA MACHADO  
MARIA DE LURDES DO NASCIMENTO R. RIBEIRO DE ALMEIDA  
MARIA DE LURDES SILVÉRIO  
MARIA DO CARMO SEITA SILVA BAIÃO GAMA  
MARIA DO CÉU RATO MARIA GONÇALVES  
MARIA DO CÉU TRINDADE CAEIRO VELEZ  
MARIA DO ROSÁRIO C. LARANJORODRIGUES LEITÃO  
MARIA DO ROSÁRIO MATIAS DA SILVA  
MARIA DOS SANTOS RAFOLO BRAZ GUERREIRO GRAÇO  
MARIA DULCE AMARO GIL  
MARIA EDUARDA DA CONCEIÇÃO R. SEQUEIRA MARTINHO  
MARIA ELISA LOPES DA COSTA  
MARIA ELISETE JANELA JORGE  
MARIA ELVIRA DIAS DO NASCIMENTO  
MARIA EMÍLIA GASPAS GUERREIRO PICA  
MARIA EMÍLIA MONTEIRO DOS SANTOS ALMEIDA  
MARIA FERNANDA DE LIMA PINTO MARQUES  
MARIA FERNANDA DOS SANTOS S.DE SOUSA MARCELINO  
MARIA FILOMENA DE SOUSA NUNES BATISTA  
MARIA FILOMENA FAVA GOMES MARTINS  
MARIA FILOMENA RALA ESTEVENS  
MARIA FILOMENA SUSTELO DOS SANTOS  
MARIA FILOMENA VIEIRA CABRITA FERREIRO  
MARIA FRANCISCA CARVOEIRAS P. FLORES MANTINHAS  
MARIA GABRIELA AFONSO HENRIQUE PIRES DO NASCIMENTO  
MARIA GISÉLIA VIEGAS DOS SANTOS CORREIA  
MARIA GONÇALVES DIAS RODRIGUES PALMA  
MARIA GORETTE JARDIM RIBEIRO  
MARIA GRACIETE RAMOS EGÍDIO  
MARIA GUADALUPE DOS SANTOS MESTRE  
MARIA GUALDINO JANEIRO FELIX  
MARIA HELENA GONÇALVES DE BRITO  
MARIA HELENA MORAIS FURTADO DE CARVALHO  
MARIA HELENA PITEIRA GAFANIS  
MARIA HELENA VICENTE CARACOL  
MARIA INÊS DE PAULA FERNANDES  
MARIA ISABEL OLIVEIRA DA COSTA  
MARIA ISABEL CATARINO  
MARIA ISABEL DA PALMA ESTEVENS BULE  
MARIA ISABEL DE CARVALHO SOBRAL  
MARIA ISABEL ESTEVES PEREIRA  
MARIA ISABEL FEVEIREIRO  
MARIA ISABEL SARAMAGO VALADAS ALVES HORTA  
MARIA JOANA CAIXEIRO FIALHO MACHADO BAIÃO  
MARIA JOANA DIREITINHO VIDINHA RAPOSO  
MARIA JOANA EMÍDIO MARQUES  
MARIA JOÃO BENTO SERÓDIO  
MARIA JOÃO BRANQUINHO BRAZÃO VALENTE  
MARIA JOÃO NUNES GUSMÃO GOMES  
MARIA JOSÉ AFONSO LOPES RAMALHO  
MARIA JOSÉ ARROBE DOS REIS MENDONÇA  
MARIA JOSÉ B. BOLINHAS CRUZ  
MARIA JOSÉ BRÁS PEREIRA DUARTE EFIGÉNIO  
MARIA JOSÉ MARTINS  
MARIA JOSÉ MORGADO FINO DE AZEVEDO  
MARIA JOSÉ PATINHO MARQUES REIS  
MARIA JULIA AURÉLIO GRILO PEREIRA  
MARIA LAURA ALVES PEREIRA  
MARIA LEONOR ANTÓNIO GUIA PARREIRA DA SILVA  
MARIA LEONOR DOS REIS VENTURA BRISSOS  
MARIA LISETE LAVADINHA TRAVASSAS  
MARIA LUCINDA AFONSO  
MARIA LUÍSA DA PALMA GARRIDO SOBRAL MESTRE  
MARIA LUÍSA SILVA SANTOS PEREIRA  
MARIA MANUEL DOS REIS HORTA PALMA  
MARIA MANUELA BARRADAS DOMINGUES  
MARIA MANUELA DE SOUSA ALMEIDA NOBRE  
MARIA MANUELA GOIS BELCHIOR GODINHO  
MARIA MANUELA SARGENTO CAMPANIÇO  
MARIA MANUELA VIDA MARÇANO CORREIA  
MARIA MARCELINA OLIVEIRA  
MARIA MARGARIDA BATISTA JOÃO  
MARIA MARGARIDA DE JESUS MANJUA  
MARIA MARGARIDA FERREIRA  
MARIA MARGARIDA MORAIS MARCÃO CAEIRO  
MARIA MATILDE DA RESSURREIÇÃO BORGES MARTINS  
MARIA MATILDE DE GOIS RAPOSO  
MARIA MOREIRA FILIPE CAETANO  
MARIA NATÁLIA GAMITO BAIÃO SANTOS  
MARIA NOEL MARIANO GOUVEIA  
MARIA ODETE DE JESUS DUARTE LEOTE TEIXEIRA  
MARIA ODÍLIA PALMA GUERREIRO  
MARIA OTÍLIA MARTINS DA CONCEIÇÃO VIEIRA  
MARIA PATROCÍNIA TEIXEIRA OLHEIRO  
MARIA PERPÉTUA PORFÍRIO PIEDADE PICADO  
MARIA RAQUEL AZEVEDO VARRASQUINHO DIAS GUERREIRO  
MARIA ROSA GODINHO PEREIRA  
MARIA ROSÁRIO DO NASCIMENTO FERNANDES HORTA  
MARIA TEIXEIRA PINHO DA SILVA  
MARIA TERESA C.TAVARES DE ALMEIDA S. M. FERNANDES  
MARIA TERESA DA SILVA E SOUSA  
MARIA TERESA DE JESUS BRITO MASCARENHAS SANTANA  
MARIA TERESA DIAS ROLDÃO BENTO

MARIA TERESA FIGUEIRA CONDEÇA  
MARIA VITÓRIA SILVA DOS SANTOS COELHO  
MARIANA BULE PALMA PIRES  
MARIANA DA GUADALUPE MARTINS DOS SANTOS JANEIRO  
MARIANA LUÍSA DIAS EMÍDIO  
MARIANA VITÓRIA VAZ LAMPREIA RAMOS COSTA  
MARÍLIA ALEXANDRA MACHADO DIAS  
MARIO JORGE QUINTEIRO PEREIRA DOS SANTOS  
MARISA DA GRAÇA NEVES ANICETO  
MARISA DE JESUS PITAÇA LUNA  
MARY ELIZABETE RODRIGUES DOS SANTOS PRATAS  
MATILDE MARIA RODRIGUES BAPTISTA CARRILHO  
MIRNA MONTENEGRO VAL-DO-RIO PAIVA  
MÓNICA ALEXANDRE PEREIRA COSTA  
MÓNICA MARIA CABAÇO LEITÃO  
NATÉRCIA DA CONCEIÇÃO MEALHA CAETANO  
NATIVIDADE DA GLÓRIA CORREIA  
NÉLIA RODRIGUES DA SILVA  
NELSON ANTÓNIO PARAÍBA CANHOTO  
NUNO RICARDO DA COSTA FERRO  
ODETE MARIA JOSÉ PINHEIRO SANTOS  
OFÉLIA MARIA ROSA CATARINO DA SILVA  
OLGA NATÁLIA MAIA MARIANO  
ORLANDINA MARIA MARTINS CARREIRA  
OTELINDA MARIA MENDONÇA DOS SANTOS CAMARNEIRO  
OTÍLIA GABRIEL DOS SANTOS  
PATRÍCIA ISABEL BERNARDINO PAULO DOS SANTOS ABRANTES  
PATRICIA MARIA CATARINO BARREIRA  
PAULA ALEXANDRA DE BRITO RAMALHO SILVA  
PAULA CRISTINA CAETANO DE BRITO FIGUEIREDO  
PAULA CRISTINA DE MIRA GROSSO RUSSO FARINHA  
PAULA CRISTINA JORGE LOURENÇO  
PAULA CRISTINA SILVA DE CARVALHO  
PAULA DA CONCEIÇÃO MESTRE ALBUQUERQUE BARATA  
PEDRO JOSÉ PACHECO GRILÃO  
PEDRO MIGUEL PEREIRA FLORÊNCIO  
ROSA MARIA AMARAL DA COSTA  
ROSINDA LIMA BARRETO DO ROSÁRIO PIRES NUNES  
SANDRA DO CARMO AFONSO DE SOUSA  
SANDRA ISABEL DA SILVA CARVALHO PEREIRA  
SANDRA MARIA SILVA COSTA  
SARA CRISTINA DOS SANTOS NOBREGA PEÃO VALDEZ  
SARA MARINA GARCIA DOS SANTOS  
SILVIA DA CONCEIÇÃO ROQUE DA SILVA  
SILVIA MARIA PALMA SANTOS AFONSO BORGES LOPES  
SILVINA DA SILVA VENTURA PEREIRA  
SOFIA ALEXANDRA F. REBELO MORTAS  
SOFIA MARGARIDA DIAS CAETANO  
SÓNIA CASTELO CARVALHO MATOS  
SÓNIA CRISTINA NUNES DE ALMEIDA  
SÓNIA MARGARIDA NUNES DE FIGUEIREDO  
SUSANA ISABEL FERREIRA DOS SANTOS MORTE  
SUSANA ISABEL NENO GREGÓRIO  
SUSANA MARGARIDA ALMEIDA TEIXEIRA  
SUSANA MARINA GONÇALVES NOGUEIRA  
TÂNIA NANUZA WAHNON DE MIRANDA  
TELMA CARLA SOARES CASIMIRO  
TELMA CRISTINA DOS SANTOS FRANCISCO COSTA  
TERESA MARIA SILVEIRA GUERREIRO  
TERESINHA ROMÃO CARDOSO  
VANDA CRISTINA DE SOUSA AMADO VAZ  
VANDA CRISTINA FIDALGO NARCISO  
VANDA MONTENEGRO VAL DO RIO PAIVA  
VERA GUERRA TEIXEIRA CONSTANTINO  
VIOLETA ALDA DA GRAÇA JOSÉ DA COSTA DE OLIVEIRA  
YOLANDA DOS SANTOS FAIAL FRAGA  
ZÉLIA MARIA CHAMBRE CAVACO  
ZÉLIA MARIA DA SILVA BALBINO  
ZULMIRA COELHO PROENÇA LEONARDO

#### **Coordenação Regional:**

Ana Cristina Correia (Almada em 1995/96 e em 1998/99)  
Ana Josefina Gonçalves (Setúbal em 1995/96)  
Anabela Santos (Seixal de 1995/96 a 1997/98)  
Cristina Bravo (Algarve de 1995/96 a 1997/98)  
Isabel Estevens (Serpa de 2001/2004)  
Mário Santos (Almada de 1995/96 a 2000/2001 e Seixal de 1998/99 a 2000/2001)  
Mirna Montenegro (Setúbal de 1996/97 a 2001/2004 e Algarve 2002/2004)  
Susana Nogueira (Algarve de 1998/99 a 2001/2002)  
Teresa Fernandes (Alentejo de 1998/99 a 2000/2001)

**Coordenação Nacional:** Mirna Montenegro

**Director do Projecto:** Rui d'Espiney

**Consultor Científico:** Rui Canário

#### **EQUIPA DE PILOTAGEM DO PROJECTO**

## ...e as Parcerias

### Península de Setúbal

Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro  
Associação para o Desenvolvimento das Mulheres e Crianças Ciganas Portuguesas  
Caritas Diocesana de Setúbal  
Centro Comunitário PIA II  
Centro de Animação Infantil e Comunitária da Bela Vista  
Centro de Bem-estar Social do Laranjeiro  
Centro de Formação Profissional do Seixal/CEFEM  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente de Almada  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente do Seixal  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente Setúbal  
Divisão da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal  
Divisão de Educação da Câmara Municipal de Almada  
Divisão de Intervenção Social da Câmara Municipal de Setúbal  
EB1 das Manteigadas (Setúbal)  
EB1 de Casal do Marco  
EB1 nº1 de Arrentela  
EB1 nº1 de Paio Pires  
EB1 nº1 do Alfeite  
EB1 nº1 do Feijó  
EB1 nº1 do Laranjeiro  
EB1 nº11 de Setúbal (Fonte do Lavra)  
EB1 nº18 de Setúbal (Bela Vista)  
EB1 nº2 de Arrentela  
EB1 nº2 de Fernão Ferro  
EB1 nº2 de Vale Figueira  
EB1 nº2 do Feijó  
EB1 nº2 do Laranjeiro  
EB1 nº2 do Monte de Caparica  
EB1 nº3 do Feijó  
EB1 nº3 do Fogueteiro  
EB1 nº3 do Monte de Caparica  
EB1 nº4 da Cova da Piedade  
EB1 nº5 de Amora (Qlª da Princesa)  
EB1 nº8 de Setúbal (Pinheirinhos)  
EB1 nº9 de Setúbal (Peixe Frito)  
Ensino Recorrente da Torre da Marinha  
Jardim-de-infância nº2 do Monte de Caparica  
Projecto/Centro Comunitário "Várias Culturas Uma Só Vida"

### Alentejo

Associação Rota do Guadiana  
Biblioteca Escolar da EB1 nº7 de Beja (Bº da Esperança)  
Biblioteca Municipal de Beja  
Câmara Municipal de Beja  
Carrossel da Criança (Bº da Esperança de Beja)  
Casa da Cultura de Beja  
Centro de Saúde de Moura  
Centro Social, Cultural e Recreativo do Bairro da Esperança de Beja  
Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente de Beja  
EB1 de Corte de Sines  
EB1 de Corte do Pinto  
EB1 de Corte Gafo de Cima  
EB1 de Ferreira do Alentejo  
EB1 de Mina de São Domingues  
EB1 de Moreanes

EB1 de Salvada  
EB1 de Sobral da Adiça  
EB1 nº1 de Moura  
EB1 nº2 de Beja  
EB1 nº3 de Moura (Fojo)  
EB1 nº4 de Beja  
EB1 nº6 de Beja  
EB1 nº7 de Beja (Bº da Esperança)  
EB23 Abade Correia da Serra (Serpa)  
EBM de Salvada  
EBM de Sobral da Adiça  
ECAE de Moura  
Educação de Infância Itinerante de Corte de Sines  
Educação de Infância Itinerante de Moreanes  
Instituto Português da Juventude de Beja  
Instituto Superior de Serviço Social de Beja  
Jardim-de-infância da Salvada  
Jardim-de-infância de Barrancos  
Jardim-de-infância de Mina de São Domingues  
Jardim-de-infância nº4 de Beja (Bº da Esperança).  
Ludoteca Municipal de Moura  
Paróquia de São Luís dos Franceses (Lisboa)  
PLCP Girassol (Serpa)  
Pólo nº1 do Agrupamento de Escolas de Serpa  
Pólo nº2 do Agrupamento de Escolas de Serpa  
Pólo nº3 do Agrupamento de Escolas de Serpa  
Pólo nº4 /Jardim-de-infância de Serpa  
Projecto de Animação Infantil e Comunitária do Bairro da Esperança (Beja)  
Voluntariado da EMRC da Escola Secundária Diogo de Gouveia de Beja

### Algarve

Associação Cultural e Social do Algoz  
ATL do Algoz  
Ludoteca da Casa do Povo de Messines  
EB1 de Pontes de Marchil  
EB1 de Stª Bárbara de Nexe  
EB1 de Tunes  
EB1 do Algoz  
EB1 Major David Neto  
EB1 nº1 de Pechão  
EB1 nº2 de Faro (Campo da Feira)  
EB1 nº2 de Pechão  
EB1 nº3 de Faro (Alto Rodes)  
EB1 nº4 de Faro (Bom João)  
EB1 nº4 de Olhão  
EB1 nº5 de Faro (Penha)  
EB1 nº6 de Faro (Vale Carneiros)  
EBM nº744 de Ameixial  
Educação de Infância Itinerante de São Brás de Alportel  
Educação de Infância Itinerante de Silves  
Ensino Recorrente na EB1 nº5 de Faro  
Ensino Recorrente nas EB1 nº1 e 2 de Pechão  
Instituto Português da Juventude de Faro  
Jardim-de-infância da Conceição  
Jardim-de-infância de Parchal  
Jardim-de-infância de Porches  
Jardim-de-infância do Algoz  
PLCP do Bº do Chinicato (Lagos)  
PLCP Renascer (Portimão)

## Rede de parcerias do projecto Nómada

(DE 1995/96 A 2003/04)

Serão aqui retomadas as definições de parcerias de Rui d’Espiney (ICEInfor nº33, 2003: p4-5):

«O sucesso e viabilização de todo e qualquer projecto de desenvolvimento social local implica a organização / mobilização de quatro níveis de parceria: a fluidez, a instabilidade, a informalidade que marca as parcerias da acção – ditando relações de **geometria variável** em função do tempo e dos problemas “trabalhados” – dá com frequência aos restantes níveis de parceria um papel decisivo na superação de fases críticas em que os processos entram.»

### Parcerias de Acção

As parcerias de acção, construídas pelos vários interesses por que se “distribuem” os “destinatários” da intervenção e cuja interacção serve a construção de **sociabilidades**, a afirmação de competências e a produção / apropriação de soluções alternativas – é neste nível que, por exemplo, no projecto Nómada, se destacam como potenciais protagonistas de um processo de mudança as crianças, os jovens e adultos ciganos assim como os docentes e demais profissionais que interagem directamente com as comunidades ciganas.

- ◆ Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro
- ◆ Associação para o Desenvolvimento das Mulheres e Crianças Ciganas Portuguesas
- ◆ Associação Rota do Guadiana (Serpa)
- ◆ ATL da Associação Cultural e Social do Algoz
- ◆ Cáritas Diocesana da Bela Vista (Setúbal)
- ◆ Centro Comunitário PIA II (Monte de Caparica)
- ◆ Centro Comunitário Várias Culturas Uma Só Vida (Arrentela)
- ◆ Centro de Animação Infantil e Comunitária da Bela Vista (Setúbal)
- ◆ Centro de Bem-Estar Social do Laranjeiro
- ◆ Centro de Informação e Intervenção de Proximidade das Manteigadas (DISOC/CMSetúbal)
- ◆ Centro Social e Comunitário do Bº da Esperança (Beja)
- ◆ Coordenações Concelhias do Ensino Recorrente de Almada, Beja, Faro, Seixal e Setúbal
- ◆ Equipas de Educação Pré-Escolar Itinerante de São Brás de Alportel, de Silves, de Corte de Sines e de Moreanes

- ◆ Ludoteca da Câmara Municipal de Moura
- ◆ Ludoteca da Casa do Povo de Messines
- ◆ Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal)
- ◆ Projectos de Luta Contra a Pobreza do Bº do Chincato (Lagos), Renascer (Portimão), Girassol (Serpa)
- ◆ Rede de Jardins-de-infância (15), Escolas Básicas de 1º Ciclo (49) e de Ensino Mediatizado (3) de Almada, Seixal, Setúbal, Beja, Serpa, Faro, Algoz, Moura, Mértola, Silves, Olhão, Lagos, Portimão (ver listagem em anexo).

### **Apoios financeiros e/ou logísticos**

As parcerias que financiam e/ou viabilizam, material e/ou institucionalmente, os processos e que respondem pela possibilidade de "fazer diferente" que os projectos se propõem prosseguir.

- ◆ Câmaras Municipais de Almada, Beja, Faro, Setúbal e Serpa (algum financiamento e cedência de instalações para Encontros Nacionais e Oficinas Regionais)
- ◆ Fundação Calouste Gulbenkian (3 avultados financiamentos)
- ◆ Instituto de Inovação Educacional (financiamento no âmbito das medidas 2 – investigação - e 3 do SIQE - Encontros Nacionais e Oficinas Regionais)
- ◆ Instituto da Juventude de Beja, Faro, Setúbal (cedências de instalações para Encontros e Programa Jovens Voluntários para a Solidariedade)
- ◆ Juntas de Freguesia de São Sebastião (Setúbal) e do Pinhal Novo (algum financiamento e cedência de transportes)

### **Parcerias de Legitimação**

Entendem-se por parcerias de legitimação, as parcerias em que fazem parte os que contribuem para a visibilidade / credibilidade científica e/ou social dos processos.

- ◆ Alto Comissário para Imigração e Minorias Étnicas (ACIME)
- ◆ Associação Cigana de Coimbra
- ◆ Escola Superior de Educação de Portalegre (ESE)
- ◆ Faculdade Ciências Sociais e Humana da Universidade Nova (FCSH da UNL)
- ◆ Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa (FPCE da UL)

- ◆ Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCTE)
- ◆ Instituto Superior de Serviço Social de Beja (ISSS)
- ◆ Rede Europeia Anti-Pobreza de Portugal (REAPN)
- ◆ Secretariado Entreculturas
- ◆ União Romani Portuguesa



## **Síntese cronológica dos Momentos-Chave do Projecto Nómada**

À semelhança do estudo realizado por Mirna Montenegro (2003)<sup>28</sup>, sobre o efeito dos **acontecimentos significativos** que os docentes entrevistados conseguiram identificar como tendo sido decisivos para a construção da sua identidade profissional, utilizou-se a mesma abordagem metodológica para identificar os momentos-chave que caracterizaram o projecto Nómada ao longo destes nove anos de desenvolvimento. Assim, a construção da listagem dos mesmos que, em anexo, se apresenta, foi extraída das conversas colectivas e/ou individuais tidas ao longo do presente ano lectivo no sentido de isolar os acontecimentos significativos que, para os profissionais implicados no projecto, marcaram e/ou reorientaram o caminho seguido pelo projecto.

### **1º ano do Nómada – 1995/96 - Apoio do IIE (medida 2 do SIQE) - 1º relatório**

- ◆Arranque com escolas de Almada/Seixal/Faro/São Brás de Alportel por intermédio de relações de afecto com os coordenadores regionais
- ◆Com o apoio voluntário de três dos coordenadores locais
- ◆I e II Encontro Nacional (Setúbal e Faro)
- ◆Experiência piloto do RMG em Almada e Setúbal

### **2º ano do Nómada – 1996/97**

- ◆Arranque da Animação no Mercado do Algoz com o ATL da ACSA
- ◆Arranque da Animação de Rua com o Projecto Várias Culturas Uma Só Vida (Arrentela)
- ◆Arranque do «Andarilho» com o estágio da Ana Cristina Correia (FPCE da UL)
- ◆III Encontro Nacional em Almada com a presença da União Romani Portuguesa
- ◆Aplicação do RMG a nível nacional e aumento de escolas a pedir ajuda

### **3º ano do Nómada – 1997/98**

- ◆A Rota do Guadiana descobre a Animação no Mercado do Algoz e replica-o em Moura
- ◆A «Teresa (Fernandes) de Beja» (coordenadora do Alentejo) foi descoberta e “seduzida” pelo Nómada
- ◆Alargamento do RMG ao Alentejo e aumento de escolas a pedir ajuda
- ◆IV Encontro Nacional em Setúbal com a presença do ACIME

- ◆ «Os Barões» foram descobertos pelo Departamento da Cultura da Câmara de Setúbal

#### **4º ano do Nómada – 1998/99 - Apoio da Gulbenkian – 2º relatório**

- ◆ A «Cristina (Bravo) de Faro» (coordenadora do Algarve) abandona o Nómada
- ◆ A «Teresa (Fernandes) de Beja» traz o Nómada para o Alentejo
- ◆ Lançamento da Animação no Mercado quinzenal de Beja
- ◆ Lançamento da Animação na Rua do Bº da Esperança e no Poço Largo em Beja
- ◆ A «Susana (Nogueira) do Algarve» (coordenadora do Algarve) é “seduzida” pela a Animação no Mercado do Algoz e assume a coordenação do Algarve
- ◆ A EB1 do Algoz inicia a Animação no Mercado do Algoz
- ◆ Publicação de «Ciganos e Educação», Caderno nº5 do ICE.

#### **5º ano do Nómada – 1999/00**

- ◆ Descoberta do Sr. Raimundo associando-o à formação
- ◆ Descoberta da poesia da Olga Mariano
- ◆ Lançamento do livro «Ciganos e Educação» nas 2<sup>as</sup> Oficinas Regionais
- ◆ Início da Animação no Mercado do Pinhal Novo
- ◆ Início do Projecto «Espaço Aberto» com uma turma de currículo adaptado da EB1 da Bela Vista
- ◆ Animação no Mercado do Algoz é premiada pelo IIE através da EB1 do Algoz
- ◆ Início do projecto transnacional ASOUN MAN (Grécia, Irlanda, França e Portugal)
- ◆ Constituição do Agrupamento Vertical de Escolas do Algoz com a «Graça (Brás) do Algoz» (directora da EB1 do Algoz) na Presidência do Conselho Executivo
- ◆ Tentativa da constituição do Agrupamento Horizontal da Bela Vista

#### **6º ano do Nómada – 2000/01 - Apoio da Gulbenkian**

- ◆ Animação na Rua na Bela Vista com a Divisão de Intervenção Social da Câmara de Setúbal
- ◆ A «Susana (Nogueira) do Algarve», a partir do seu JI, continua a assegurar a coordenação do Nómada no Algarve
- ◆ Fórum «Culturas Periféricas/Vivências Conjuntas» em Beja
- ◆ Estágio da «RiTaquelim» (estagiária de sociologia do ISCTE) no Pinhal Novo e na Arrentela
- ◆ Lançamento da Animação no Mercado de Serpa com o PLCP «Girassol»
- ◆ Início da concepção/compilação do livro «Ciganos aquém do Tejo»

---

<sup>28</sup> Montenegro, Mirna (2003), Aprendendo com Ciganos: processos de ecoformação, Lisboa: EDUCA

- ◆O Nómada descobre Elisa Marques para a formação de «Educação pela Arte»
- ◆O Nómada associa a AMUCIP na formação que ganha o prémio «Saber +» da ANEFA
- ◆Término do projecto ASOUN MAN (cujo relatório final nacional é enviado a diversos parceiros)
- ◆Publicação de «Que Sorte, Ciganos na nossa Escola» pelo Entreculturas com um artigo do Nómada

#### **7º ano do Nómada – 2001/02 - 3º relatório**

- ◆Sem os destacamentos de 3 dos seus coordenadores regionais, o Nómada aprende a sobreviver com a sua colaboração voluntária.
- ◆Descoberta e implicação da «Isabel (Estevens) de Serpa» como coordenadora/formadora do Agrupamento de Escolas de Serpa
- ◆Exploração de «Ciganos Aquém do Tejo» com Teresa Vergani numa acção de formação na área da Etnomatemática no âmbito do Nómada
- ◆Associação d'«As Zíngaras» na ecoformação do Nómada
- ◆As crianças do ATL do Algoz e de Escolas de Faro dinamizam os Ateliers do VII Encontro de Projectos do Algoz, que se realizam, em parte, no próprio Mercado
- ◆Início do Centro de Informação e Intervenção de Proximidade nas Manteigadas (DISOC/CMSetúbal)

#### **8º ano do Nómada – 2002/03**

- ◆Validação do livro «Ciganos Aquém do Tejo»
- ◆Lançamento do livro «Aprendendo com Ciganos»
- ◆Projecto transnacional com o Centre de Recherches Tziganes de Paris (de Jean-Pierre Liégeois)
- ◆Lançamento de «A Escola é uma Esperança» do Entreculturas com a colaboração da AMUCIP e do Nómada

#### **9º ano do Nómada – 2003/04 - Apoio da Gulbenkian – 4º relatório**

- ◆O projecto circunscreve-se a escolas de Almada, Seixal e Faro
- ◆Suspensão do Jornal «Andarilho»
- ◆Constituição do Agrupamento Vertical de Escolas da Bela Vista
- ◆Mudança de Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas do Algoz e cessação da participação das crianças na Animação do Mercado do Algoz

- ◆ Integração do estágio de Vânia Cação (de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) para apoiar a biografia de Olga Mariano e a AMUCIP-Associação para o desenvolvimento de Mulheres e Crianças Ciganas Portuguesas
- ◆ Integração nas Tardes Interculturais (do Museu do Trabalho Michel Giacometti da Câmara de Setúbal) dos poemas da Olga Mariano;
- ◆ Organização de um atelier de Danças Ciganas dinamizado pelas "Zingaras" da AMUCIP integrado nas actividades do Museu do Trabalho Michel Giacometti da Câmara Municipal de Setúbal
- ◆ Reactivação dos Encontros Nacionais (V em Setúbal e VI em Serpa)
- ◆ Processo de avaliação participada do Nómada
- ◆ Publicação do livro «Ciganos aquém do Tejo – propostas de actividades nómadas para o Ensino Básico» a ser editado pelo ACIME.

## Síntese da EcoFormação do Projecto Nómada

ANO LECTIVO 1995/96

Designação	<i>Educação, Famílias, Escolas e Parcerias - Nómada I - CCPFC/ACC-3950/96</i>
Total de Horas	26 horas
Créditos atribuídos	1
Reuniões Mensais	8 horas (4 x 2 horas)
Encontros Nacionais / Oficinas Regionais	2 x 6 horas (Setúbal/Março e Faro/Junho)
Trabalho Autónomo	6 horas
Nº de Formandos	45
Formadores	<i>Ana Josefina Gonçalves Cristina Bravo Mirna Montenegro Rui d'Espiney</i>
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudar as dinâmicas socioculturais, económicas e educativas e familiares da população cigana e/ou itinerante;</li> <li>- Fazer o levantamento das regularidades temporais e espaciais dos percursos de itinerância de cada comunidade, ao nível local (escola, bairro, grupos familiares);</li> <li>- Implicar as comunidades educativas locais nas pesquisas, levando-as a sair da escola (espaço formal) para irem conhecer, de perto, a realidade dessas dinâmicas (espaços informais);</li> <li>- Instaurar dinâmicas de troca que produzam novas formas organizativas das comunidades envolvidas (escola, famílias, parcerias, etc.);</li> <li>- Contribuir para a formação contínua e em situação, dos docentes envolvidos no projecto, numa atitude de permanente reflexão das práticas sócioeducativas.</li> </ul>
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Características da cultura cigana e/ou dos grupos sociais itinerantes;</li> <li>- Estratégias de abordagem das populações em estudo, nomeadamente, de intervenção comunitária;</li> <li>- Metodologias e técnicas de investigação qualitativa em educação, nomeadamente a investigação-acção;</li> <li>- Organização do sistema educativo centrado na problemática da articulação entre educação formal (escolas), não formal (colectividades, associações e ensino recorrente) e informal (famílias e grupos primários);</li> </ul>

ANO LECTIVO 1996/97

Designação	<i>Educação, Famílias, Escolas e Parcerias - Nómada II - CCPFC/ACC-6216/97</i>
Total de Horas	30 horas
Créditos atribuídos	1,2
Reuniões Mensais	10 horas (5 x 2 horas)
Encontros Nacionais / Oficinas Regionais	2 x 6 horas (dois dias em Almada/Junho)
Trabalho Autónomo	8 horas
Nº de Formandos	61
Formadores	<i>Cristina Bravo Mirna Montenegro Rui d'Espiney</i>
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar continuidade ao trabalho iniciado anteriormente acrescidos de mais alguns: Identificar grupos familiares;</li> <li>- Intensificar a articulação com outros serviços da comunidade conceber, aplicar e avaliar estratégias para cada realidade (escolas e famílias ciganas);</li> <li>- Induzir uma estrutura (ou dispositivo) de trabalho em rede adequado ao modo de vida das famílias das crianças, flexibilizando o funcionamento escolar.</li> </ul>

<b>Conteúdos</b>	Aprofundamento dos conteúdos anteriormente tratados: - A cultura cigana e a cultura escolar; - Concepção de instrumentos de recolha e análise de informação pertinente; - A educação não formal e informal como alternativas à educação formal do sistema educativo que produz o abandono escolar precoce.
------------------	---

ANO LECTIVO 1997/98

<b>Designação</b>	<i>Educação, Famílias, Escolas e Parcerias - Nómada III - CCPFC/ACC-9389/97</i>
<b>Total de Horas</b>	30 horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1,2
<b>Reuniões Mensais</b>	10 horas (5 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	2 x 6 horas (dois dias em Setúbal/Junho)
<b>Trabalho Autónomo</b>	8 horas
<b>Nº de Formandos</b>	104
<b>Formadores</b>	<i>Cristina Bravo Mirna Montenegro Rui d'Espiney</i>
<b>Objectivos</b>	Aprofundamento dos objectivos anteriores: - Identificar grupos familiares e construir genealogias dos clãs na busca de líderes potenciais interlocutores comunitários (pessoas facilitadoras da relação); - Delinear e pôr em acção estratégias de intervenção comunitária facilitadoras da participação das comunidades ciganas e/ou itinerantes; - Delinear e pôr em acção estratégias de organização escolar facilitadoras da inclusão das comunidades ciganas e/ou itinerantes; - Delinear e pôr em acção estratégias pedagógicas facilitadoras das aprendizagens formais das crianças, jovens e adultos ciganos.
<b>Conteúdos</b>	Clarificação de conceito como: - Reconhecimento, compreensão, respeito e flexibilidade face às especificidades da cultura e do pensamento cigano que nos conduz à interculturalidade; - Metodologia do trabalho de projecto, ecoformação, contextualização do currículo e participação que nos conduz à consciencialização e à conscientização.

ANO LECTIVO 1998/99

<b>Designação</b>	<i>Educação Intercultural, Projecto Educativo e Territorialização - Nómada IV CCPFC/ACC-13445/98</i>
<b>Total de Horas</b>	34 horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1,4
<b>Reuniões Mensais</b>	10 horas (5 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	2 x 6 horas (Almada, Beja, Faro - Dezembro e Setúbal - Junho/Julho)
<b>Trabalho Autónomo</b>	12 horas
<b>Nº de Formandos</b>	125
<b>Formadores</b>	<i>Mirna Montenegro Teresa Fernandes Rui d'Espiney</i>
<b>Objectivos</b>	- Investir na construção de currículos contextualizados às especificidades e universo culturais das comunidades minoritárias (neste caso ciganas) de modo a dar sentido às aprendizagens escolares; - Insistir na construção de soluções flexíveis e/ou alternativas na organização escolar que permitam uma real apropriação do espaço escolar enquanto espaço de construção e conquista de saberes; - Prosseguir na organização de conhecimentos e "saberes de experiência feitos", quer produzidos pelas comunidades ciganas quer pelas escolares; - Persistir na implementação de estratégias de intervenção socioeducativas e comunitárias

	<p>que favoreçam a participação das famílias na vida da escola, conduzindo à progressiva participação da escola na vida das famílias;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Consolidar a construção de rede de parcerias e aprofundar os laços entre os protagonistas dos diversos projectos educativos que dão vida e sentido ao projecto como um todo;</li> <li>- Construir e implementar Projectos Educativos de Escola, ou Grupos de Escolas, contemplando a dimensão da territorialização da acção educativa, promovendo o sentimento de pertença a uma comunidade enquanto manifestação de um estar cultural e de um exercício de cidadania.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A cultura cigana e a construção de currículos "adaptados";</li> <li>- A participação das famílias e a organização escolar;</li> <li>- A territorialização da acção educativa e a animação comunitária.</li> </ul>

ANO LECTIVO 1999/00

<b>Designação</b>	<i>Educação Intercultural, Projecto Educativo e Territorialização - Nómada V</i> <i>CCPFC/ACC-17335/99</i>
<b>Total de Horas</b>	40 horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1,6
<b>Reuniões Mensais</b>	10 horas (5 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	3 x 6 horas (Almada/Setúbal, Beja, Faro - Novembro, Maio)
<b>Trabalho Autónomo</b>	18 horas
<b>Nº de Formandos</b>	89
<b>Formadores</b>	<i>Ana Cristina Correia</i> <i>Mirna Montenegro</i> <i>Teresa Fernandes</i> <i>Rui d'Espiney</i> <i>Susana Nogueira</i>
<b>Objectivos</b>	- Dar continuidade e aprofundar os objectivos anteriores insistindo no registo, organização e sistematização dos conhecimentos "descobertos/construídos" (na busca de conhecimentos da cultura cigana e das estratégias implementadas aos níveis pedagógico, de intervenção socioeducativa e comunitária) no sentido de produzir conhecimentos pertinentes e comunicáveis (publicáveis).
<b>Conteúdos</b>	Aprofundamento dos conteúdos anteriores: <ul style="list-style-type: none"> <li>- A cultura cigana e a construção de currículos contextualizados/adaptados;</li> <li>- A participação das famílias na vida escolar e a reorganização escolar;</li> <li>- A territorialização da acção educativa e a animação/intervenção comunitária.</li> </ul>

ANO LECTIVO 2000/01

<b>Designação</b>	<i>Educação Intercultural: Interface entre Projecto Educativo e Intervenção Pedagógica - Nómada VI - CCPFC/ACC-19752/00</i>
<b>Total de Horas</b>	30 horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1,2
<b>Reuniões Mensais</b>	6 horas (3 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	2 x 6 horas (Almada, Beja e Algoz, em Novembro e Maio/Junho)
<b>Trabalho Autónomo</b>	12 horas
<b>Nº de Formandos</b>	88
<b>Formadores</b>	<i>Mário Santos</i> <i>Mirna Montenegro</i> <i>Teresa Fernandes</i> <i>Rui d'Espiney</i> <i>Susana Nogueira</i>
<b>Objectivos</b>	Aprofundamento dos objectivos do módulo anterior, a saber:

	Investir na construção de materiais pedagógicos facilitadores da diferenciação pedagógica e adaptados às especificidades e universo culturais das comunidades locais - que neste caso também são ciganas - de modo a dar sentido às aprendizagens escolares; Insistir na dinamização de actividades que permitam uma real apropriação dos espaços e tempos escolares pelas famílias; Prosseguir no registo, organização de conhecimentos e de "saberes de experiência feitos", quer produzidos pelas comunidades educativas, quer pelas comunidades ciganas.
<b>Conteúdos</b>	Educação Intercultural, democracia participativa e Cidadania; Gestão da diversidade e heterogeneidade e estratégias de diferenciação pedagógica; Valorização da cultura cigana e construção de materiais pedagógicos.

ANO LECTIVO 2001/02

<b>Designação</b>	<i>Re)Criando com ciganos: (Re)construção de práticas educativas – Nómada VII – CCPFC/ACC-24169/01</i>
<b>Total de Horas</b>	40 horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1,6
<b>Reuniões Mensais</b>	10 horas (5 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	2 x 5 horas (Almada e Faro em Novembro) 2 x 5 horas (Setúbal e Algez em Maio)
<b>Trabalho Autónomo</b>	20 horas
<b>Nº de Formandos</b>	60
<b>Formadores</b>	<i>Mirna Montenegro Susana Nogueira</i>
<b>Objectivos</b>	- Sistematizar procedimentos de acção no que diz respeito à animação na Rua e nos Mercados e à constituição de grupos culturais; - Construir materiais pedagógicos facilitadores da diferenciação pedagógica e adaptado à especificidades e universos culturais das comunidades locais, nomeadamente, as comunidades ciganas; - Implicar os destinatários na construção dos materiais pedagógicos, nomeadamente as crianças, jovens e adultos, assim como os educadores de infância e professores do 1º e 2º CEB e do Ensino recorrente.
<b>Conteúdos</b>	- Valorização dos saberes locais, participação e cidadania democráticas; - Intervenção comunitária e estratégias de promoção da cultura cigana; - Diferenciação pedagógica e construção de materiais; - Educação intercultural e cidadania participativa.

ANO LECTIVO 2002/03

<b>Designação</b>	<i>(Re)Criando com ciganos: (Re)construção de práticas educativas – Nómada VIII - CCPFC/ACC-28757/02</i>
<b>Total de Horas</b>	27horas
<b>Créditos atribuídos</b>	1
<b>Reuniões Mensais</b>	12 horas (6 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais / Oficinas Regionais</b>	2 x 5 horas (Algez e Setúbal ou Almada em Maio)
<b>Trabalho Autónomo</b>	10 horas
<b>Nº de Formandos</b>	70
<b>Formadores</b>	<i>Mirna Montenegro Susana Nogueira Rui d'Espiney Monitora: Isabel Estevens</i>
<b>Objectivos</b>	- Explorar, adaptando e reconstruindo, as propostas de actividades "nómadas" apresentadas no livro colectivamente construído "Ciganos Aquém do Tejo" e na brochura "Animação na Rua e nos Mercados"; - Dar visibilidade social aos processos de ensino-aprendizagem, dando voz às crianças,



	<p>jovens e adultos que aprendem, proporcionando-lhes momentos de explicitação e pronunciamento dos seus saberes;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Implicar os docentes na organização desses momentos propiciadores da construção e da apropriação das aprendizagens formais, cujo produto final resultará na visibilidade social que lhes será atribuída, consubstanciando os conteúdos das Jornadas Nómadas a realizarem-se em Maio de 2003, no seio das quais serão as crianças, jovens e adultos ciganos e não ciganos os protagonistas.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorização dos saberes locais, participação e cidadania democráticas;</li> <li>- Intervenção comunitária e estratégias de promoção da cultura cigana;</li> <li>- Diferenciação pedagógica e construção de materiais;</li> <li>- Educação intercultural e cidadania participativa.</li> </ul>

#### ANO LECTIVO 2003/04

<b>Designação</b>	"Processos de avaliação/investigação participada – Nómada IX" - CCPFC/ACC-31602/03
<b>Total de Horas</b>	(42 horas)
<b>Créditos atribuídos</b>	1, 7 créditos
<b>Reuniões Mensais</b>	12 horas (6 x 2 horas)
<b>Encontros Nacionais</b>	2 x 6 horas (Setúbal e Serpa, em Janeiro e Maio)
<b>Trabalho Autónomo</b>	18 horas
<b>Nº de Formandos</b>	50
<b>Formadores</b>	<p><i>Mirna Montenegro</i>  <i>Rui d'Espiney</i>  <b>Monitora:</b> <i>Isabel Estevens</i></p>
<b>Objectivos</b>	<p><b>Gerais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construir, sistematizar e divulgar saberes pertinentes para uma intervenção (social e educativa) cada vez mais ajustada à realidade social e promotora da participação dos docentes/profissionais na construção do sucesso (escolar e educativo) das crianças, jovens e adultos de etnia cigana.</li> <li>- Explicitar constrangimentos e facilitadores da acção junto das comunidades ciganas através das escolas/organizações locais.</li> </ul> <p><b>Específicos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuir para a elaboração do relatório final do projecto Nómada.</li> <li>- Esboçar/delinear um novo projecto de intervenção socioeducativa de combate ao insucesso/abandono escolar das crianças/jovens de etnia cigana.</li> <li>- Criação de uma equipa restrita que, a nível de cada local, possa prosseguir com os propósitos do projecto entretanto delineado.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Políticas educativas, paradigmas, metodologias e estratégias de investigação em educação e desenvolvimento;</li> <li>- Dimensões de análise e de implicação do prático reflexivo;</li> <li>- Instrumentos e técnicas de recolha de informação e estratégias de investigação-acção;</li> <li>- Interpretação dos dados/das realidades e reformulação da acção/do projecto</li> </ul>

#### A AVALIAÇÃO:

A avaliação dos módulos (e simultaneamente do projecto) é assegurada por vários elementos:

- as produções feitas pelos formandos, individual ou colectivamente, tais como projectos/planos de intervenção, relatórios de actividades, registos e sistematização de pesquisas, etc...

- a recolha e registo de dados pelos docentes e instituições da rede, tais como as listas nominais das crianças, jovens e adultos ciganos, o estudo da sua assiduidade com base no preenchimento de uma ficha criada para o efeito, etc..
- o nível de implicação que os formandos/docentes conseguem obter da escola/organização (como um todo) onde trabalham/intervêm na resolução dos problemas identificados.

A viabilização da formalização da “formação em situação” tem sido viabilizada pelo Centro de Formação “Comunidades Educativas” do Centro para o Desenvolvimento e Formação-CPDF, cujo processo de acreditação assegura, custando 25€/ano por docente, tem sido gratuita para os docentes implicados no projecto, e totalmente assumidas pelo CPDF.

## Visibilidades do Projecto Nómada

Para além da visibilidade interna ao projecto aquando da realização dos seus seis Encontros Nacionais já referidos e das suas nove Oficinas Regionais, realizados todos os anos (e, por vezes, duas vezes por ano), devidamente publicitados pelas autarquias anfitriãs, apresentam-se os seguintes momentos significativos nos quais a experiência do Projecto Nómada foi apresentada e debatida a um público vasto e diversificado.

Ano	A nível Nacional
1996	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encontro sobre "A Cultura Cigana e a Exclusão Social", realizado no Centro de Formação Rui Grácio na Arrentela (Seixal)</li> </ul>
1997	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encontro sobre Educação Multicultural organizado pelo no Centro de Formação Rui Grácio na Arrentela (Seixal)</li> <li>- Colóquio Festa sobre Eco-Formação com Conversas em Roda, organizado pelo ICE, em Almada</li> <li>- X Colóquio de Psicologia e Educação - Educação Pré-escolar: Modelos, Investigação e Práticas Educativas, no ISPA.</li> </ul>
1998	<ul style="list-style-type: none"> <li>- IV Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, em Aveiro</li> <li>- "Espaço de Reflexão sobre Intervenção com a Comunidade Cigana", em Reguengos de Monsaraz.</li> <li>- II Jornadas de reflexão: Associativismo e Mediações nas Comunidades Ciganas" organizadas pela REAPN-Rede Europeia Anti-Probreza, realizadas em Matosinhos.</li> </ul>
1999	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Ser Cigano: entre a Exclusão Social e a Exclusão Escolar" organizada pela FPCE de Lisboa e realizada no IIE</li> <li>- 7º Encontro Nacional da APEI, em Évora.</li> <li>- Fórum de Projectos da Bela Vista (Setúbal)</li> <li>- Entrevista no Actual, semanário setubalense, sobre a Exclusão Social e Escolar da comunidade cigana e o Projecto Nómada a propósito do impacto do RMG</li> <li>- 3ª Semana do Património, organizado pela CM de Almada com uma comunicação sobre "A comunidade cigana e a escola".</li> <li>- Workshop "Bairros do Fim do Mundo" organizada pelo PER da CM de Cascais</li> <li>- Encontro sobre a População Cigana "Compreender para agir" organizado pelo CLA de Cascais do RMG a</li> <li>- Animação de Rua e de Mercados do Projecto Nómada, no Módulo I do Curso de Medicina Humanitária, no Instituto de Medicina de Lisboa, a convite dos Médicos do Mundo</li> </ul>
2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colóquios sobre "Cidadania e Minorias Étnicas" no Projecto "Ser Cidadão" do Ensino Recorrente de Setúbal</li> <li>- Colóquio "Formar para Inserir" organizado pela DRE de Lisboa, realizado em Alcochete.</li> <li>- Encontro "Experiências Educativas 2000" Lisboa Cidade Educadora, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa, realizado na Aula Magna do ISCTE.</li> <li>- 3º Encontro APEDI "Formação para a Diversidade: um Olhar Crítico", organizado pela APEDI- Associação de Professores para a Educação Intercultural e realizado na ESE de Lisboa.</li> <li>- Seminário sobre "Conhecimento e Intervenção com a Comunidade Cigana", organizado pela Misericórdia de Almada, realizado no Complexo Municipal dos Desportos de Almada.</li> <li>- Jornadas Interculturais "Celebrando a Diversidade com a Comunidade Cigana", organizadas pelo DEB em Lisboa</li> <li>- Fórum "Culturas Periféricas/Vivências Conjuntas", organizado pelo Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Beja, pelo Projecto Ciganos Portugueses do Centro de Estudos de Antropologia Social e pelo Projecto Nómada do ICE, realizado em Beja.</li> <li>- Encontro "Cidadania para Todos" organizado pelos CLA's de Almada e Seixal do RMG, realizado no Centro de Formação Profissional do Seixal.</li> <li>- "Workshop sobre Educação Intercultural: Uma aposta de futuro", organizado pelo Gabinete de Apoio às Minorias da Câmara Municipal de Amadora, e realizado no Auditório Municipal da Amadora.</li> <li>- "Seminário Cultura, Cidadania e Desenvolvimento", organizado pelo Observatório Cultura e</li> </ul>

	<p>Local (Palmela) e realizado no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entrevista num programa de radiofónico na Rádio Voz de Setúbal.</li> </ul>
2001	<ul style="list-style-type: none"> <li>- IX Encontro Nacional da APEI "Na Viragem do Século", realizado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.</li> <li>- Educação Intercultural organizado pela DRE de Coimbra.</li> <li>- 9º Congresso "Caminhos da Sobrevivência, à Procura de Sentidos", organizado pela Escola Secundária de Henriques Nogueira de Torres Vedras.</li> <li>- 1º Encontro sobre Educação Multicultural, organizado pelo Centro de Estudos Ciganos, no Auditório do IPJ de Coimbra</li> <li>- Colóquio "Almada e muitas Vozes, A língua Romani e Crioulo", organizado pela ULEFA/ANEFA de Almada, no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro</li> <li>- Encontro "Escola Multicultural", organizado pelo Agrupamento de Escolas Vertical de Oiã/Projecto Arco-íris, realizado na Câmara Municipal de Oliveira do Bairro.</li> <li>- Encontro sobre Música Cigana organizado pelo Projecto de Luta Contra a Pobreza "Príncipes do Nada" promovido pelo PROACT/ISCTE, em Carnide.</li> <li>- "Traços culturais da Etnia Cigana e perspectivas de intervenção educativa" a pedido do CAE e PEETI do Alentejo, na EB23 Sebastião da Gama em Estremoz</li> <li>- "Animação Comunitária" no Projecto "Veredas" da responsabilidade da Rota do Guadiana, em Serpa.</li> <li>- VI Congresso Internacional de Animação Sociocultural, realizado em Espinho</li> <li>- Seminário "Educação Intercultural" organizado pelo Projecto Luta Contra a Pobreza "Renascer" realizado em Portimão.</li> <li>- "Mediação Sociocultural" no âmbito de um Encontro organizado pelo CAE de Portalegre e realizado em Monforte e em Elvas.</li> <li>- 2º Curso de Pós-Graduação organizado pelo Centros de Estudos Multiculturais, na Universidade Independente em Lisboa.</li> </ul>
2002	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Curso de Inverno 2002 "Minorias étnicas e religiosas em Portugal", organizado pelo Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.</li> <li>- Seminário sobre "Processos de Socialização Cigana e Escolar" organizado pelo SEPLEU-Sindicato dos Educadores e Professores Licenciados pelas Escolas Superiores de Educação e Universidades, realizado na EB1 nº3 de Moura.</li> <li>- Jornada de Reflexão "Um olhar sobre os Ciganos" organizado pelo Serviço de Acção Social de Santo André, realizado no Auditório da Administração do Porto de Sines</li> </ul>
2003.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Departamento de Formação de Educadores de Infância da Universidade de Aveiro.</li> <li>- «A Escola Intercultural – A Experiência do Projecto Nómada», organizado pelo Agrupamento de Escolas da Vidigueira.</li> <li>- Seminário «Quilómetros de Tropelias – Crescer a Brincar» organizado pelo GAF – Grupo Aprender em Festa, realizado no Teatro Cine de Gouveia</li> <li>- 9º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre – Brincar, Sorrir e Crescer» organizado pelo IAC – Instituto de Apoio à Criança, realizado em Setúbal.</li> </ul>
2004.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- V Jornadas de Ciências da Educação "Educação em Movimento", no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.</li> <li>- V Encontro de Alunos e de Professores dos Cursos de Educação de Infância e de Ensino Básico – 1º Ciclo, organizado pela e realizado em ESE Portalegre.</li> <li>- Entrevista por Fernando Alves, sobre a experiência do Projecto Nómada e do livro Aprendendo com Ciganos no Programa «Portugueses Excelentíssimos» da TSF.</li> <li>- Entrevista no Boletim Informativo nº19 do ACIME</li> <li>- «Diversidade Cultural e Etnomatemática» no 1º Encontro de Matemática Elementar, organizado pelo IEC de Braga.</li> <li>- I Encontro Educacional do Agrupamento Horizontal nº1 de Lagos.</li> <li>- Formação sobre «Intervenção junto das Comunidades Ciganas» aos técnicos da Câmara Municipal de Lisboa</li> <li>- Formação sobre «Inserção da comunidade Cigana» no âmbito do Projecto EQUAL a convite do ACIME/Entreculturas.</li> <li>- Encontro "Ciganos: que estratégias de intervenção", organizado pela Câmara Municipal de Coimbra e a Associação Fernão Mendes Pinto, realizado no Centro Social do Parque de Nómadas de Coimbra</li> <li>- 31º Encontro Nacional da Pastoral dos Ciganos realizado em Fátima.</li> <li>- Sessão de Sensibilização aos técnicos do Projecto "Pluralidades" realizado na Vidigueira.</li> <li>- II Encontro de Projectos de Integração Social de Comunidades Ciganas organizado pelo</li> </ul>

	Projecto Luta Contra a Pobreza "Ajuda em Casa", realizado na Ajuda
--	--

Ano	A nível Internacional
1999 2000	– 4 Seminários Internacionais em Atenas e Tessalónica integrados no Projecto Transnacional ASOUN MAN com a Grécia, a Irlanda e a França.
2001	– Conferência Internacional sobre a Comunidade Cigana, organizada pela Rede Anti-Racista, realizada no Auditório Natália Correia, no Bº Padre Cruz (Lisboa).
2002.	– Seminário Internacional sobre "Gitanos e inmigración: nuevos retos educativos" organizado pela Fundación Secretariado General Gitano e pela Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal, realizado em Madrid. – "Journées d'Études sur la scolarisation des enfants tsiganes, formation des enseignants et recherches", organizado pelo Centre de Recherches Tsiganes da Universidade Renée Descartes – Sorbonne, realizado no Institut Universitaire de Formation des Maîtres de Dijon.
2003	– Université Européenne d'Été sobre «Un projet européen de formation pour la scolarisation des enfants tsiganes» realizado na Universidade de Dijon – Bourgogne, organizado pelo Centre de Recherches Tsiganes da Université de Renée Descartes – Sorbonne.
2004	– Colóquio Internacional "Les Jeunes Roms-tziganes", organizado pelo CASNAV de Amiens. – I Reunión Científica Internacional sobre Etnografía y Educación, Organizado pela Universidade de Castilha-La Mancha, em Talavera de la Reina.

## Ficha-síntese de registo

### PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO/AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DO PROJECTO NÓMADA

No sentido de facilitar a participação dos professores, educadores e demais técnicos que participaram no Nómada no processo de avaliação do mesmo, elaborou-se esta ficha de registo incluindo nela 5 dimensões de análise.

Pede-se, pois, que registem o que vos apraz dizer sobre elas, ensaiando reflexões pessoais sobre estas temáticas. A sua participação é-nos fundamental para que esta avaliação seja, de facto, uma avaliação participativa e espelhe os vários sentires dos seus participantes. É-nos fundamental, também, para antever o futuro do projecto...

«Este ano (2003/04) preconiza-se a dinamização de um **processo de *formação-investigação-acção participada***, centrada em três acções estratégicas:

- 1) na avaliação interna do projecto que, simultaneamente, permita
- 2) a sua reformulação e/ou a elaboração de um novo "projecto", e sirva também para
- 3) a constituição e formação de **uma equipa de profissionais e interventores sociais** que viabilize a continuidade das propostas, entretanto, delineadas após o respectivo processo de avaliação/investigação participada.

De salientar que o processo de avaliação interna que se pretende implementar/dinamizar baseia-se na experiência do projecto *Effectiveness Initiative* que o Centro Europeu de Fundações, com o apoio da Fundação Bernard van Leer, está a levar a cabo no âmbito do Movimento de Águeda (sob orientação metodológica de Rui d'Espiney), o qual após a respectiva adaptação para a realidade do projecto Nómada, assentará em algumas dimensões de análise seleccionadas: os afectos, os eventos, os efeitos, as influências e os conceitos.»

Em todas as dimensões, solicita-se que registe/desoculte/reflecta tendo em conta:

As suas preocupações, os seus desafectos, os seus desânimos, as suas expectativas, os seus entusiasmos, as suas crenças e que, depois de explicitar as dificuldades, explicita também o que vos faz manter-se e apostar no projecto apesar dos constrangimentos com que se confrontam, isto é: quais são os pontos luminosos, quais as suas forças e potencialidades, quais as suas alternativas portadoras de futuros possíveis?

Os AFECTOS (relações construídas entre colegas, com as crianças, jovens e famílias e com as várias parcerias);

Os EVENTOS (a nível da escola, da dinâmica interna ao projecto, da comunidade e dos vários níveis de parcerias);



As **INFLUÊNCIAS** (sofridas na implementação das propostas do projecto a nível dos acontecimentos políticos e sociais, como por exemplo: o Rendimento Mínimo Garantido, os processos de realojamentos sociais (PER), a implementação da Gestão e Autonomia nas Escolas (Dec. Lei 115), a constituição dos Agrupamentos Verticais de Escolas, etc.);

Os EFEITOS (na sala de aula, na escola/organização, nas comunidades ciganas e na comunidade maioritária local);

Os **CONCEITOS** (subjacentes à acção e às propostas de intervenção tanto ao nível dos vários actores como do próprio projecto).

Que propostas para o futuro do projecto ou que novo projecto gostaria que fosse elaborado?  
Em que contribuiria nesse novo projecto?

**IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR, EDUCADOR, TÉCNICO, ETC..**

Nome:

Escola/Instituição de pertença:

Há quantos anos participa no Projecto Nómada?

ICE – Instituto das Comunidades Educativas  
Associação particular sem fins lucrativos de Utilidade Pública  
Rua Nª Srª da Arrábida, nº3/5  
2900-142 Setúbal  
Tel: 265-542430 \* Fax: 265-542439  
Email: [ice.projectos@netvisao.pt](mailto:ice.projectos@netvisao.pt)  
Internet : [www.ice.web.pt](http://www.ice.web.pt)

---

**«O que foi/é o Projecto Nómada?»  
Contributos para uma memória  
do Projecto Nómada**

---

Composição: Mirna Montenegro  
Edição: ICE  
Setúbal 2004